

2021



CIBERPAJÉ (org.)
EDGAR SMANIOTTO
FÁBIO FERNANDES
FABIO SHIVA
GAZY ANDRAUS
GIAN DANTON
NELSON DE OLIVEIRA
OCTAVIO ARAGÃO



CIBERPAJÉ

Ciberpajé (org.)

Edgar Smaniotto, Fábio Fernandes
Fabio Shiva, Gazy Andraus, Gian Danton
Nelson de Oliveira, Octavio Aragão



Marca de Fantasia
Paraíba, 2020

2021

Ciberpajé (org.)

Edgar Smaniotto, Fábio Fernandes
Fabio Shiva, Gazy Andraus, Gian Danton
Nelson de Oliveira, Octavio Aragão

2020 - Série Tertúlia, 4



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180. Brasil
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia (CNPJ 09193756/0001-79) e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB


Capa e ilustrações: Ciberpajé

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-19-5

Sumário



- 
5. Prefácio
Adriana Amaral
 7. Apresentação
Ciberpajé
 14. Um exoantropólogo em um mundo pós-humano
Edgar Indalecio Smaniotto
 26. Et in Arcadia Ego
Fábio Fernandes
 38. O nascimento do Rei Poedi
Fabio Shiva
 46. Onde as (nano)cores se arvoram
Gazy Andraus
 53. O aplicativo
Gian Danton
 63. Pandemônto em Pyndorama: alegria, alegria
Nelson de Oliveira
 75. O Ninho no Nariz do Boneco
Octavio Aragão

2021 e os descaminhos da pós-humanidade

Adriana Amaral

2021 é uma coletânea de ficção científica produzida durante o contexto da pandemia do Covid-19 por autores brasileiros que utilizaram o período da quarentena para dar vazão a contos que falam sobre caminhos possíveis da pós-humanidade, extrapolando o presente do confinamento e insegurança que vivemos nesse momento que já é por si só pura ficção científica.

Além dos contos, as artes de Ciberpajé (Edgar Franco), organizador do livro, ampliam as perspectivas imaginativas e remetem ao seu universo ficcional da Aurora Pós-humana. Os contos trazem diferentes tonalidades e observações sobre as relações entre a assim chamada humanidade, inteligências artificiais, seres e animais “não-humanos” e uma multiplicidade de formas de vida em interação constante. Tais interações geram formas visuais, sonoras, e por vezes quase táteis em suas descrições nos provocando a repensar noções de conflitos, tensões – ou até mesmo formas de comunicação não-violenta – nas relações delas decorrentes.

Alguns contos adicionam um certo tom de humor e ironia como é o caso de “Um exoantropólogo em um mundo pós-humano” de

Edgar Smaniotto em sua emulação de linguagem jornalística de divulgação científica; outros flertam com o terror como é o caso de “O Ninho no Nariz do Boneco” de Octavio Aragão e “O aplicativo” de Gian Danton. Até mesmo uma mescla *scifi* de antropofagia, tropicalismo e dodecafonismo – pela visão de Nelson de Oliveira em “Pandemônio em Pyndorama: alegria, alegria” – como se Tom Zé reescrevesse um funk carioca em forma de conto.

Os sete contos têm em comum uma boa dose de psicodelia que cadenciam a leitura. Outras reflexões se inter-relacionam com o antropoceno e os movimentos ecológicos, como é o caso de “Onde as (nano)cores se arvoram” de Gazy Andraus e da quase aventura de “Et in Arcadia ego” de Fábio Fernandes”. Outro ponto seria a relação entre pós-humanidade e tradições religiosas ancestrais, como vemos em “O nascimento do rei Poedi” de Fabio Shiva, que mescla *scifi* às lendas fantásticas.

A coletânea 2021 nos traz um bom panorama de como a pandemia desvela a criatividade e aponta outros caminhos para a escrita de ficção científica nacional.

Adriana Amaral é pós-doutora pela University of Surrey, Inglaterra, e doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Atualmente é professora e pesquisadora do Programa de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). É líder do CULTPOP - Grupo de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias e pesquisadora do CNPq Nível 2. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Cultura Digital, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura digital, ficção científica, sociabilidades na internet, subculturas, juventudes, cenas e gêneros musicais, estudos de fãs e fandoms e cultura pop.



2021: Uma urgente odisseia pós-humana em um abominável mundo velho

Ciberpajé

Em 1968, quando Arthur C. Clarke escreveu seu notório livro *2001: Uma Odisseia no Espaço*, conjuntamente com a produção do filme de Kubrick, ele situou a obra em um futuro próximo, 33 anos adiante. George Orwell, em sua impactante distopia *1984*, optou por um futuro também próximo, a apenas 35 anos adiante, pois o seu livro foi publicado em 1949. Esses talvez sejam os dois exemplos mais emblemáticos de obras de Ficção Científica que têm como título o ano em que se desenrola a narrativa. Eu nasci em 1971, portanto vivi essas duas datas que agora parecem estar em um passado muito longínquo diante da aceleração incontida da hiperinformação. Um mundo em velocidade desenfreada no qual 90% da informação existente foi produzida nos últimos 2 anos e a quantidade de vídeos postados diariamente em apenas uma plataforma como o Youtube exigiria mais de 200 anos para serem todos assistidos.

Um mundo estranho no qual tudo envelhece em um instante fulgurante, perde o valor e é descartado pelo desespero quase ensandecido na busca do novo que dura segundos e também se esvai para o esgoto do tempo inexpugnável. Tudo é urgente e estranhamente quase nada mais encanta os seres bombardeados diariamente por milhões de imagens. Tudo se trivializa em uma atmosfera conduzida pelo hiper-real, pelas pós-verdades, pelo pós-conhecimento – a impossibilidade biológica de absorver, navegar e selecionar informações úteis e transformadoras diante do rio caudal de chorume da hiperinformação galopante.

Conversando com um colega citei uma obra de 2017 como “recente” e fui interpelado por ele. Questionando-me sobre qual seria o conceito de recente, ele retrucou que no contexto atual 2017 não é algo que possa ser considerado como tal. A princípio indignei-me com a sua interpelação, mas ao refletir percebi a densidade de sua afirmação. Quando concebi esse livro que agora você lê, queria como título uma data que representasse um futuro próximo, como forma de homenagear as duas grandes obras citadas aqui, e pensei em qual seria então o ano desse tal futuro próximo? Concomitantemente à aceleração da informação, das inteligências artificiais, redes neurais, algoritmos genéticos, no momento em que escrevo essa apresentação, em agosto de 2020, vivemos a tragédia de uma pandemia global que só no Brasil já ceifou mais de 90 mil vidas, e junto dela temos um panorama mundial que propõe reflexões densas sobre a ordem moral, sócio-cultural e ideológica que rege o planeta, chocando-se diretamente com arroubos autoritários de viés neofascista que insistem em sobreviver nesse contexto hipercomplexo e hiperdimensional das realidades atuais.

Diante da tragédia anunciada em uma economia descendente e de um caos social emergente, ao mesmo tempo em que 2021 parece um ano imediato, também paradoxalmente soa-me distante. Próximo porque creio em uma solução para a pandemia, que venha logo na forma de uma vacina e que nos permita viver menos aterrorizados; e distante porque é difícil pensar em como será a nova vida e o dito novo normal em um país em frangalhos, precisando ser reconstruído em todos os aspectos da vida, dos valores éticos, ideológicos, culturais, sociais, espirituais. Então, o ano de 2021 será o tempo de um mundo novo. Admirável ou abominável? Bem, o que percebo é que o velho “normal” segue incólume, em aceleração absoluta tornando-se HIPERNORMAL. A nefasta busca incessante por ter cada vez mais coisas, por dominar cada vez mais pessoas, por obter cada vez mais prestígio, mesmo que isso signifique explorar a própria espécie, as outras espécies e a biosfera inteira. Nada mudou, os poderosos seguem ávidos por lucro, os bancos e as corporações multinacionais seguem financiando toda a corja de políticos globalmente. A pandemia parece ser apenas uma vírgula insignificante em sua saga egoica e umbilical de acumulação colossal, e seus valores torpes contaminaram as massas manobradas que em suas vidas de servos autômatos têm os mesmos desejos que seus dominadores. Já temos o primeiro trilionário da Terra e enquanto isso milhões retornam à pobreza absoluta vivendo de migalhas ou sendo assassinados pela necropolítica baseada na negligência, e em forjar dados. Sim, vivemos no hipernormal, a aceleração do normal panorama de assassinato, destruição e devastação que já nos assola há décadas. Estamos a menos de um segundo para a meia noite!

Mas a ideia de 2021 veio à minha mente um pouco antes da concepção de seu título. Ao assistir à bela e sensível série *Tales From*

The Loop, de Nathaniel Halpern, ironicamente uma produção da hiperincorporação trilionária Amazon, encantei-me com a sua proposta poética e estética. A série foi construída e gestada tendo como inspiração as pinturas do artista sueco Simon Stålenhag. Não se trata de algo novo criar uma narrativa a partir de imagens, mas ainda não é uma atitude trivial. Imediatamente ao ver o primeiro capítulo da série pensei em como seria instigante ler contos de ficção científica livremente inspirados em minhas ilustrações que têm sido criadas nos 20 anos recentes para múltiplos projetos artísticos no contexto de meu universo ficcional transmídia da Aurora Pós-humana.

A Aurora Pós-humana engendra trabalhos que trazem em seu teor o chamado “deslocamento conceitual”, definido pelo escritor norte-americano P. K. Dick, pois o criador desloca o tempo, a gnose e a tecnologia para um futuro hipotético para, na verdade, tratar de questões contemporâneas. Ela foi criada inspirada em artistas, cientistas e filósofos que refletem sobre o impacto da aceleração tecnológica e hiperinformacional sobre a espécie humana: bioengenharia, nanotecnologia, robótica, telemática e realidade virtual, e sobre as questões transcendentais que persistem nesse contexto tecnognóstico.

Nesse universo, imaginei um futuro em que a transferência da consciência humana para chips de computador seja algo possível e trivial. Em um tempo em que milhares de pessoas abandonaram seus corpos orgânicos por novas interfaces robóticas. Neste futuro hipotético, a bioengenharia avançou de tal forma que a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais torna-se possível e corriqueira, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica. Seres que em suas características físicas remetem-nos imediatamente às quimeras mitológicas. Nesse contexto ficcional, duas espécies pós-humanas tornaram-se culturas antagônicas e he-

gemônicas disputando o poder em cidades-estado ao redor do globo, enquanto uma pequena parcela da população – uma casta oprimida e em vias de extinção –, insiste em preservar as características humanas, resistindo às mudanças.

Esse universo é um *work in progress* que toma como base as prospecções da ciência, da tecnognose e das artes de ponta para reestruturar seus parâmetros. A partir dele já foram desenvolvidos trabalhos artísticos em diversas mídias e suportes, e atualmente outras obras estão em andamento. Das HQtrônicas passando pela música eletrônica de base digital, por obras de videoarte, web arte, gamearte, instalações interativas e chegando às performances multimídia com o projeto musical performático Posthuman Tantra. A produção de histórias em quadrinhos ambientadas na Aurora Pós-humana envolve a revista anual Artlectos e Pós-humanos, enquanto outra faceta musical envolve o projeto Ciberpajé e obras de videoarte.

Assim, minhas criações artísticas têm focado na conexão intrínseca e extrínseca entre arte, transcendência, ciência e tecnologia, obras transmidiáticas que se baseiam no universo ficcional da Aurora Pós-humana, mas utilizam-se dos mais diversos suportes para serem realizadas. Essas obras têm chamado a atenção de diversos pesquisadores acadêmicos, de múltiplas áreas, do Brasil e exterior, gerando inúmeras análises sobre elas em artigos científicos, e também nos 4 livros acadêmicos que ajudaram-me a compreender mais profundamente aspectos inusitados de minhas criações e ideário, sendo eles: *Os Quadrinhos Poético-filosóficos de Edgar Franco* (2012), escrito pelo saudoso educador professor Dr. Elydio dos Santos Neto; *Edgar Franco e Suas criaturas no Banquete de Platão* (2012), obra da comunicóloga professora Dra. Nadja Carvalho; *Agartha: símbolos e mitos nos quadrinhos poético-filosóficos* (2018) escrito pela arte-

cientista Dra. Danielle Barros (2018); e *Artlectos e Pós-humanos: da Aurora Pós-humana às novas configurações sociais* (2020), obra do pesquisador das letras Giovane Correa Rojas (2020). O Volume 7 N.15 (2017) da revista acadêmica *Cadernos Zygmunt Bauman* (UFMA) foi totalmente dedicado a um dossiê enfocando minha obra que reuniu dez pesquisadores de oito universidades brasileiras e uma estrangeira com artigos inéditos tratando de múltiplos aspectos das criações artísticas da Aurora Pós-humana e da minha atuação como artista-pesquisador. O dossiê Ciberpajé, de mais de 200 páginas, é um testemunho do caráter interdisciplinar das obras que tenho criado, compreendendo artigos redigidos por pesquisadores doutores e doutorandos das áreas de história, comunicação, educação, design digital, saúde, música, artes e filosofia.

A Aurora Pós-humana teve também uma repercussão importante no exterior, pois foi lançado na Inglaterra o livro *Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America*, publicado pela Oxford Press no “longínquo” ano de 2017, com autoria de pesquisadores PhDs das Universidades de Bristol e Cambridge. A obra analisa o fenômeno pós-humano em quadrinhos criados no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e México. Os autores Edward King e Joanna Page dedicaram um dos capítulos do livro para a análise de produções artísticas transmídia do universo ficcional da Aurora Pós-humana, onde avaliam com propriedade e densidade a concepção de pós-humanismo da poética e ideário do Ciberpajé, detalhando aspectos das paisagens visuais e sonoras e destacando a ficção científica ciberxamânica proposta como algo originalmente latino-americano, fazendo um paralelo com o movimento da FC conhecido como Afrofuturismo.

No entanto a minha concepção para o livro 2021 não envolve diretamente a Aurora Pós-humana, o universo ficcional aparece no livro

apenas de forma indireta, já que a base das ilustrações que inspiraram os contos presentes aqui foram artes criadas previamente para obras do universo ficcional, mas reconfiguradas com uso de redes neurais, inteligência artificial e *Deep Dream* com os quais trabalhei novas texturas, cores e estilos gráficos. Esses experimentos com redes neurais trazem para a obra uma contextualização direta com a aceleração hiperinformacional. Assim, selecionei 7 ilustrações minhas e convidei para comporem o livro 7 autores de ficção científica brasileiros pelos quais tenho profunda admiração, sendo eles: Edgar Smaniotto, Fábio Fernandes, Fabio Shiva, Gazy Andraus, Gian Danton, Nelson de Oliveira e Octávio Aragão. Para minha alegria e surpresa todos aceitaram o convite. Enviei-lhes então as artes e disse-lhes que tinham total liberdade para criar os contos tendo-as como inspiração. Estipulei também um máximo de 2021 palavras por conto, outra forma simbólica de demarcar esse número.

Em cada conto aparecem duas versões da ilustração recriada em rede neural, uma em sua abertura – a que foi enviada ao autor – e outra ao final. Também fui surpreendido com a grande riqueza e força dos contos elaborados por essas grandes mentes da FC brasileira. Imaginem a emoção do criador das artes ao perceber as narrativas sensacionais que elas inspiraram. Histórias intensas, provocativas, inusitadas e únicas. Minha gratidão profunda aos autores dos contos, a Adriana Amaral – que escreveu o belo prefácio –, e a Henrique Magalhães e a editora Marca de Fantasia que publicaram com entusiasmo esse livro. Que a sua leitura leve-o a outros mundos que lhe provoquem reflexões sobre o nosso mundo!

Ciberpajé, em 05 de agosto do ano 1 da pandemia de Covid-19.

Um exoantropólogo em um mundo pós-humano

Edgar Indalecio Smaniotto



Podemos iniciar?

Claro!

Estou aqui com o exoantropólogo Oliveira Cardoso, que hoje nos transmitirá suas neuroimpressões sobre a espécie e cultura pós-humana das sereiaformes da Lua de Europa.

Pode nos falar sobre sua profissão?

Sim. Minha profissão consiste em tentar compreender culturas distintas daquela a qual o exoantropólogo pertence, ou seja, o outro, a partir de experiência de vivência dentro desta mesma cultura. Vou contar uma história!

Ainda na universidade, em um curso de pós-graduação, uma professora comentou que sua professora tinha ouvido de outra professora, e assim por diante, que no final do século XX, um antropólogo muito conceituado no meio acadêmico, em um evento da área, tinha dito que dava a seguinte recomendação para seus alunos que iniciavam o trabalho de campo: levem um caderno de capa dura.

Certamente muitos dos ouvintes que estão recebendo nossas neuroimpressões não vão saber o que é um caderno? Acho que eu também não sei. Ainda que pudéssemos recorrer aos bancos de dados, prefiro que o senhor explique.

Claro! Bom, houve uma época em que se escrevia em folhas de papel, que eram iguais a folhas de livros, daqueles que temos em museus. Acho que todo mundo já viu um. Eram livros em branco que você podia escrever algo. No caso de antropólogos, utilizavam para anotar sobre os povos que visitavam.

Bom, o senhor é um antropólogo?

Na verdade, não! Atualmente utilizamos o termo exoantropólogo. Algo como um antropólogo de seres que derivam do humano, mas não são de todo humano.

Pode nos contar que seres seriam esses?

Basicamente, transumanos e pós-humanos. Os primeiros são os chamados humanos aumentados, pessoas que se tornaram cyborgs. Os segundos, estes muitos dizem, inclusive, que não são mais humanos, são seres derivados de nossa espécie, muitos compartilham o DNA humano com plantas e animais, formando novas espécies.

Mas são?

Olha, a gente mantém... Posso falar a gente aqui, ou devo apenas utilizar linguagem formal?

Pode falar como desejar! Não nos importamos com formalidades linguísticas. Afinal de contas, não estamos no século XXI. E sabe que nossos programas são transmitidos diretamente para o córtex cerebral de nossos ouvintes?

Sim, claro! Então, vou continuar. É interessante, não? Mesmo sendo uma “conversa” direta entre nossos cérebros, nosso pensamento ainda é moldado por nossa linguagem. Afinal, se não houver uma estrutura de linguagem, cada um teria uma linguagem privada, e a comunicação, mesmo entre pensamento seria impossível.

O senhor está divagando, certo?

Ah, claro! Bom, vamos lá. Desde que iniciei meu trabalho de campo, eu venho fazendo pesquisa etnográfica de grupos pós-humanos. Entende? Eles, para utilizar uma palavra que já era completamente absurda no século XX, são os novos “selvagens”.

Selvagens????!!!

Como eu disse, já era uma palavra absurda no século XX, quando minha profissão chegou às universidades. Basicamente, era uma designação para povos não europeus.

Vamos entender melhor, quer dizer que englobavam toda a diversidade étnica e cultural existente em um único termo linguístico? Parece absurdo!

E é!!! Mas veja, os próprios antropólogos foram os primeiros a criticar e abandonar este linguajar, fazendo a crítica aos seus colegas, ainda imersos em uma cultura colonizadora e imperialista da época. Então, a antropologia passou a ser uma ciência do estudo e compreensão da diversidade cultural, étnica e de gênero da espécie humana. Com o tempo, inclusive, se tornou uma profissão em muitos países da época majoritariamente feminina e realizada justamente por aqueles que antes teriam sido seu objeto de estudo.

Uma mudança interessante, não é?

Sim! Vou inclusive comentar um caso interessante. Escrevi um texto sobre a epistemologia de nossa profissão com uma amiga centauroforme. E veja, esta amiga, se é que eu posso assim me referir, já que ela/ele é um ser híbrido, que, bom, tem os dois sexos, e esta também é uma caracterização binária minha. Ela é uma pós-humana, e, bem, ela/ele se intitula antropóloga/o, uma vez que se dedica a estudar nossa cultura, que dizem ser extremamente singular, já que somos descendente diretos, e não primos do homo sapiens.

Portanto, bom, sendo uma pós-humana (me desculpe a utilização binária da linguagem, mesmo para um profissional, é difícil evitar), ela, na verdade, pode ser chamada de antropóloga, porque estuda o homem. Portanto, sua visão seria mais científica do que a dos antropólogos do passado, que sendo sapiens não teriam o distanciamento necessário do objeto para realizar uma pesquisa científica sem nenhum viés.

Interessante! Concorda?

De certa forma, sim! Certamente, ela realmente tem um distanciamento de nós, humanos que, bem, os antropólogos antigos não tinham dos outros homens que estudavam. Afinal, mesmo tendo os humanos, nos séculos XVIII e XIX, criado ficções literárias intituladas raças, eram no fundo a mesma espécie. Já os pós-humanos são espécies novas, derivadas de nós, assim como *homo sapiens* e *neandertais* eram ambos descendentes do *Homo heidelbergensis*.

Entendo! Mas o senhor se referiu a nós, e bem, vem se referindo assim desde o início, e confesso que fiquei incomodada no início, mas não quis interrompê-lo. Sendo direta! O senhor sabe que eu sou uma inteligência artificial, né?

Claro, afinal, você é um ser senciente, portanto, igual a mim. Além disso, eu passei uns quinze anos lendo etnografias do século XX, enquanto fazia meu doutorado sobre história da antropologia nesse século. Acho que tendo a me expressar como alguém que viveu entre o século XX e XXI, quando as mudanças ocorreram. Mesmo após a minha pesquisa de campo em *Europa*.

Mudanças?

Sim, claro! Foi quando os seres humanos passaram por um período de grandes transformações, e bom, foi dali que emergiu uma postura nova de pensamento, na qual a diversidade passou a ser buscada, inclusive por automudanças tecnogenéticas, e não temida. Quando erguemos está sociedade baseada na diversidade completa de espécies, culturas, gêneros, filosofias de vida e habitats (desde a velha Terra até asteroides, ou mesmo o vácuo do espaço).

Meus registros dizem que também foi um período bastante problemático. Certo?

Deve estar se referindo à ascensão de grupos conservadores, racistas e fascistas na primeira metade do século XXI. Bom! Pode ser difícil para uma Inteligência Artificial compreender, mas humanos se desenvolveram em savanas, com o risco constante da fome e medo de outros animais. Já estudei psicanálise, e posso dizer que esta experiência ficou gravada em algum lugar do inconsciente coletivo humano. Muitos se deixam dominar por este medo ancestral e o desejo de viver em tribos, e ver o outro como inimigo. Como diriam na época, o ovo da serpente é chocado por aqueles incapazes de entender a diversidade humana.

Certamente, teriam temido uma IA como eu. Foi um período de trevas, para utilizar uma linguagem da época.

Claro! Mas em meio às trevas, sempre existe a luz. Então, havia também uma enorme vitalidade criativa e muitos grupos passaram a entender, nas palavras de uma filósofa de época, que “a liberdade é uma luta constante”. Devemos nos lembrar que esse foi o momento em que a incrível diversidade humana se tornava evidente para muitos, que até então, consideravam apenas o seu grupo como humano. Eugenistas, então, procuraram, mais uma vez, tentar enterrar, tanto simbolicamente como, muitas vezes, infelizmente, literalmente a diversidade humana em uma vala bem funda. Fracassaram! Nosso mundo foi gestado, o ovo da serpente nunca chocou, mas um mundo utópico em sua maravilhosa diversidade surgiu, apesar daqueles grupos, que por um breve momento, pareceu nos puxar para uma Idade das Trevas.

E foi na época em que logo surgiria a diversidade não apenas cultural e de gênero, mas também de espécie. Certo?

Sim, claro! Pense bem, nós *homo sapiens*, não compartilhávamos o planeta com outra espécie inteligente desde a extinção dos nean-

dertais. Então, pouco a pouco fomos entendendo que as criaturas sencientes não humanas mereciam ter direitos, uma ética animal. Logo, descobrimos que mesmo outras criaturas que habitavam este planeta eram sapietes, ainda que não produzissem ferramentas.

Se refere aos golfinhos?

Sim, mas também a chimpanzés, polvos e os fungos; que passaram a ter um status igual ao nosso. Outro passo importante foi pensarmos a espécie sapiens não apenas diversa culturalmente, mas também etnicamente e de gênero, além de sua diversidade cognitiva (uma neurodiversidade). Foi um salto enorme de auto compreensão. Foi um golpe naqueles que acreditavam que sua etnia (ou “raça” como gostavam de dizer), cultura e gênero eram os “certos” e os outros “errados”. Não existia uma “raça” superior, nem uma cultura superior, ou organização neurológica superior (enquanto outros seriam loucos ou doentes mentais) e muito menos a heteronormatividade que pregavam como a única possível. O homo sapiens é em si uma diversidade!

Então chegaram os transumanos e pós-humanos?

Sim, logo humanos começaram a modificar seu próprio corpo se associando a máquinas, depois passaram a se tornar híbridos com inteligências artificiais, e lógico, antes haviam surgido as IA e foi mais um elemento de diversidade a ser incorporado. Então vieram pós-humanos, com associações diversas, principalmente as quimeras, objeto da minha pesquisa atual.

O senhor pesquisa pós-humanos que lembram as antigas se-reias, certo?

Sim, uma de suas duas espécies.

Duas?

Sim uma vive nos mares terrestres e a outras em mares de *Euro-pa*. Eu convivi cinco anos com as terrestres, escrevi uma etnografia.

Agora, estive em *Europa*, por outros cinco anos, e retornei para escrever uma nova monografia a partir das anotações em meus diários. Depois, claro, poderei escrever um terceiro volume comparando estas culturas/espécies.

Como foi sua estadia entre a espécie de sereiaformes de Europa?

Veja, é uma cultura/espécie singular! Sabe, quando nossas primeiras naves robóticas chegaram em *Europa* descobrimos a existência de seres vivos lá, eram o equivalente terrestre aos fungos. E, bem, hoje sabemos que fungos são sencientes, antropólogos do século XXI já sabiam, e para sermos sinceros, todos os povos indígenas também sabiam, e conseguiam entrar em contato com eles utilizando uma tecnologia xamânica. Então, foi isso o que ocorreu, sabe, uma tríplice interação genética entre homens, golfinhos e fungos deu origem à cultura sereiaforme de *Europa*, que agora coloniza toda aquela Lua, habita embaixo da camada de gelo, em uma rede neural única entre todos os seres vivos de lá.

Vamos transmitir alguns trechos de seu diário de campo, com sua autorização, e sem as datas, como nos pediu, para nossos “ouvintes” terem uma ideia de como foi sua pesquisa:

“Foi uma experiência realmente incomum, ter minha consciência transmitida para um corpo sintético sereiaforme, foi realmente algo notável, fico imaginando se os primeiros antropólogos pudessem ter tido esta experiência, não apenas vivido e observado a cultura do outro, mas vivido inclusive a corporeidade do outro. É uma experiência, que, eu poderia descrever quase mística.

O impacto de me inserir na rede neural que os fungos possibilitaram foi de uma completude incrível, agora sei o que Teilhard de Chardin queria dizer com noosfera. É uma sensação indescritível,

estar imerso em uma totalidade de seres singulares, individualidade imersa na coletividade. Agora sei porque apenas artistas realmente conseguem expressar tal experiência, me falta recursos de linguagem, mas graças aos avanços da tecnologia posso imprimir uma imagem mental.

A imagem construída a partir dos meandros da minha consciência pode ser um passo para entender o que eu, por falta de uma palavra melhor, senti, mas talvez seja melhor dizer, presenciei/participei. Uma imersão total na consciência, não só daquelas criaturas, mas dos próprios fungos, uma conexão com mundos infinitos, uma diversidade de formas de consciência indescritível por qualquer outra palavra que não beleza: a beleza da diversidade.

Participei de um dos rituais religiosos deles, um complexo rito xamânico, imerso em águas de um mundo gelado, conectado à própria tessitura do universo... Um novo mundo, uma nova espécie, uma nova consciência... Eles fizeram de tudo para que minha interação em seus rituais fosse plena.

Eles são tão diversos, tão diferentes, e tão iguais, tanto entre si, quanto com nós, humanos, mas também com outros seres sábios, sejam humanos (em toda sua incrível diversidade étnica, cultural e de gênero), golfinhos, humanos aumentados, pós-humanos, inteligências artificiais, todos compartilhamos o interesse em não sofrer, de experimentar o gozo e de construirmos livres projetos de vida”.

Alguma outra consideração?

Sim! Foram cinco anos naquela lua coberta de gelo, vivendo entre aquelas criaturas tão diferentes, tão diversas, tão pouco humanas, apesar de no fundo ser uma espécie filha da humanidade. Viver em um corpo que não era meu, pensar de forma diferente da minha, em

simbiose com tudo e todos. Foi incrivelmente medonho e desafiador, talvez até terrível. Não estive imerso apenas em outra cultura, mas em outra forma de pensar e sentir.

Então o senhor não pretende mais voltar?

Na verdade, não vejo a hora de voltar para meu povo, de estar em comunhão com eles novamente. Já me considero um sereiaforme!

Espero que volte logo para outra temporada de pesquisas. Muito obrigado pela entrevista!

Eu que agradeço, a você e aos “ouvintes”.

Encerramos por hoje, amanhã, em nosso programa, transmitido em toda a rede neural marciana, vamos conversar com uma IA que desenvolveu um trabalho antropológico pesquisando os sapiens plantaes de Vênus. Não percam!



CUBERPOE

Et in Arcadia Ego

Fábio Fernandes



Existe um velho ditado da Terra que diz: *O diabo não é tão feio quanto se pinta*. Minha mãe costumava falar isso, mas confesso que nunca entendi essas palavras. Afinal, o diabo não existe, é um construto mitológico muito distante de nós no tempo e no espaço. E as poucas pinturas ancestrais que me interessei em ver mostravam figuras muito diferentes entre si, quase todas atraentes ao olhar de modo geral. Então sempre interpretei essa frase como uma sequência de palavras de caráter arqueológico. Algo que pronunciamos mas cujo sentido nos escapa, ainda que possamos compreendê-lo superficialmente com os devidos dados históricos.

Isso tudo, claro, acabou no momento em que encarei o Monstro na Caverna de Cristal.

*

O começo é um lugar muito complicado.

Acho que alguém disse uma frase parecida antes. Uma princesa, talvez? Não me lembro: as memórias vêm em flashes, quase indistinguíveis de sonhos, reflexos em lagos dourados, informações em formatos que lembram tudo menos formas existentes nas naturezas. Não-linearidades, soltas no espaço e no tempo. O que são esses limites para a memória? Nada.

Quando entrei na Caverna de Cristal, foi como se me esquecesse de mim mesmo. Não havia passado, não havia futuro. Só o momento presente. Eu, as paredes luminosas em tons de prata e ouro, os cristais de rochas refletindo infinitamente uns aos outros como espelhos (quem já disse isso antes? Não sei, não sei).

E o Monstro.

Lá estava ele, imenso, diante de mim: multicolor, duas pernas que pareciam troncos de árvore cortados ao meio, um corpo globular colorido e opaco na região da barriga. Algo pulsava ali dentro. O que estaria sendo gestado?

– Não tem cabeça – lembro de ter dito.

– Não tem cabeça – ele repetiu. Por onde, não sei, não sei.

Eu só sabia uma coisa. O Monstro estava ali na minha frente e ele ia me matar.

*

Segundo os mitólogos quânticos, os Monstros sempre estiveram entre nós. Eles apenas não vibravam na mesma frequência. O Evento teria aberto as portas da percepção para a Segunda Humanidade e permitido que isso acontecesse. (O Evento só tem esse nome, e só é classificado como tal, para fins de registro – entendam, existem coisas que ainda precisamos quantificar de forma racional.)

Mas nem todos concordam. Segundo Kirby, a líder dos Agregados, isso é uma grande bobagem pseudorreligiosa, para encobrir a culpa que pertenceria, de direito e de fato, aos humanos originais. Se eles tivessem dado ouvidos aos seus filhos, ela disse (mais de uma vez – eu sei bem, eu tive que ouvir isso pessoalmente, e muito), isso não teria acontecido.

– Provavelmente porque já estaríamos todos loucos, talvez? – eu disse para mim mesmo.

– Todos loucos, talvez? – o jogral sinistro do Monstro me respondeu pelo buraco invisível de sua cabeça idem.

*

Quando a Primeira Humanidade finalmente deixou o berço (o planeta mitológico conhecido como Terra, mas há controvérsias), teve que paradoxalmente deixar parte do que era humano para trás. A Segunda Humanidade (ou seja, os Humanos e seus Agregados) foi para as estrelas muito mais preparada.

Mas ainda não era o bastante.

Daí surgiram os Agregados: espécies animais que sofreram um processo de aceleração do genoma a fim de alcançarem o mesmo nível dos humanos originais, e serem parceiros nossos no processo de colonização das estrelas.

Há quem ainda hoje chame isso de especista – apenas mais um degrau na longa escada colonizatória da humanidade, que teria feito isso tão somente para escravizar as espécies outrora “irracionais” de modo mais completo e lucrativo.

Pode ser verdade. E amigos como Tangram não nos deixam esquecer.

*

– Veja – me disse Tangram dois dias antes da minha entrada na Caverna – vocês humanos são muito nervosos. Ficam irritados por qualquer dá-cá-aquela-palha.

Olhei fixamente para Tangram, na vã esperança de fazer com que ele percebesse que eu não tinha gostado da ironia.

– Que merda é essa de “vocês humanos”? Nós todes – fiz um gesto abarcando a mim, a ele e às árvores ao nosso redor no parque – somos humanos. O Estatuto reconhece isso desde que as espécies saíram da Terra. Ou você gostaria que eu te chamasse de “filhote de avestruz”?

– Não, porque não sou filhote – ele disse, sorrindo. Ou não. Era difícil de perceber pelo bico. – Já é um pé nos culhões vocês ficarem nos chamando de Agregados.

Dei de ombros.

– Você não pode dizer que essa palavra é deletéria. Somos todos uma grande família. Mas as espécies ascendidas geneticamente chegaram mais tarde a essa família...

– ... como uma pessoa de fora que se casa com um integrante dessa família, yadda yadda yadda – Tangram respondeu deleteriamamente, fazendo um movimento com a língua que eu achava completamente obsceno. Mas que também me deixava curioso com relação à performance sexual dele.

– E você diz isso como se fosse um réptil – continuei. – Você tem tanto sangue quente quanto eu, ora caralhes.

Ele gorgolejou. Agora eu tinha certeza de que o filho de pute estava gargalhando.

– Não diga isso na frente do Ligúrio. Ele ia ficar tiririca.

Ligúrio era nosso colega na Equipe de Prevenção. Réptil, claro.

– Agora você foi e preconceituoso – ele tripudiou. – Hoje em dia se sabe que o sangue frio dos répteis nada tem a ver com emoções, mas sim com a rapidez das respostas. Por isso, aliás, ele é muito melhor sniper do que nós.

Ignorei.

– Vamos tomar um café? – perguntei. – E me explica um negócio: o que é *palha*?

*

Na verdade, a questão do Monstro do Ego era relativamente simples. Quando chegamos a este mundo, ficamos maravilhados. Era um mundo vazio de seres. Só grandes vastidões selvagens, prontas para serem ocupadas.

Ou assim pensávamos.

Os primeiros anos foram horríveis.

Muita gente morreu.

Levamos um bom tempo até descobrir que o mundo inteiro era uma entidade única.

O gozado (digo isso com ironia, claro) era que as velhas ficções da Terra já nos tinham dado mundos sencientes antes. Praticamente todas as mídias ancestrais descreveram exemplos de planetas que atuavam como uma só entidade, ajudando ou aniquilando os seres em sua superfície, dependendo das intenções destes – ou do bel-prazer dela.

Mas colonizadores não leem ficção. Colonizadores colonizam. Consomem. Matam.

Esta é a nada nobre verdade que fomos obrigados a encarar.

*

Nós batizamos este mundo de Arcádia.

Era – continua sendo, apesar dos pesares – um mundo lindo. Cheio de mares e florestas. Um clima que varia entre tropical e temperado, com regiões polares pequenas porém estáveis. Bem diferente da Velha Terra.

Chegamos aqui com o objetivo de colonizar, claro. Tratava-se de nossa sobrevivência. Mas não éramos insensíveis. Estabelecemos

desde o começo que, se encontrássemos vida inteligente, negociaríamos um lugar onde estabelecer uma colônia.

Não encontramos vida inteligente.

Evidentemente, tomamos todo o cuidado para não devastar as florestas. Depois da Catástrofe Amazônica, aprendemos a cuidar do ecossistema. Por isso, passamos um tempo pesquisando cautelosamente a fauna e a flora de Arcádia.

Que era um planeta lindo, incrivelmente simétrico: descobrimos que, a intervalos regulares no meio das florestas que cruzavam metade do mundo (florestas belíssimas, cobertas de finas camadas brancas de fungos que criavam redes sobre as copas das árvores e rendilhavam as bases dos troncos), havia imensos planaltos, ideais para a construção de cidades. Poderíamos perfurar o solo e acessar os aquíferos subterrâneos sem afetar a mata e as populações de animais ao redor. E foi o que fizemos.

Por que então tudo ao nosso redor começou a morrer?

*

Definições de vida variam. Tendemos sempre a pensar que só o reino macrocelular está efetivamente vivo, mas não é o caso. Vírus e bactérias são entidades vivas. Claro, a ciência humana já entende isso há milênios, mas mesmo assim é obrigada a encontrar métodos de tratamento para curar humanos e que passam obrigatoriamente* pelo extermínio de colônias inteiras de entidades microcelulares.

Até onde sabíamos, era o que havia acontecido em Arcádia. Ao perfurarmos os aquíferos, aparentemente poluímos as águas do mundo com nossos micro-organismos e matamos os nativos. Essa troca teria sido mortífera para a flora do mundo.

Só não chegamos a extinguir a vida vegetal porque o estrago ficou confinado a apenas um dos quatro continentes. Mas o estrago foi grande.

Mas a conta não tardou a chegar.

*

Um mês depois, tão subitamente quanto as plantas começaram a morrer, a água de Arcádia se tornou venenosa para os humanos. Dos duzentos mil que desembarcaram da frota, trinta e dois mil morreram em menos de uma semana.

Soluções paliativas foram criadas, como filtros de osmose para tentar isolar a fonte do contágio na água, e injeções de bactérias heliófagas para tornar os humanos capazes de viver apenas de luz do sol temporariamente. Mas essas soluções tinham prazo para perder a eficiência. Ou resolvíamos o problema ou voltávamos para as naves. E a viagem para cá tinha sido muito longa. Ninguém queria voltar para as naves.

Foram os Agregados que mataram a charada: de algum modo, eles concluíram, o planeta estava se vingando – ou, na melhor das hipóteses, tentando se reequilibrar, compensando as perdas dos microrganismos modificando a estrutura química da água a fim de torná-la mais ácida. A flora e a fauna de Arcádia pareciam não ter sofrido nada – ou talvez elas tivessem também sofrido alterações para suportar essa mudança. Mas nós éramos estrangeiros.

Aos Agregados também coube criar uma solução. A Equipe de Prevenção é um pequeno grupo de elite que serve a um único propósito: pagar o preço por esse crime.

Todos os anos, um de nós é sorteado para entrar na Caverna de

Cristal, que fica no subsolo (exatamente no local da primeira perfuração), e enfrentar o Monstro. Enfrentar não é palavra certa, na verdade: ninguém volta vivo desse confronto. Poderíamos então, dizer que entrar na Caverna de Cristal é um sacrifício.

Tangram me contou naquela véspera a história do Minotauro. Ele arrematou xingando não só o Rei Minos, como também os criadores da história, evidentemente mentirosa ou no máximo metafórica, por considerarem aquela criatura algo profano, que deveria ser odiada. *É por isso*, ele me disse então, que vocês não deram certo. *A única coisa boa que vocês fizeram em milênios foi nos acelerar.*

Tive raiva dele, mas ele tinha razão.

*

E então enfrentei o Monstro.

Foi uma luta patética. Eu o golpeei várias vezes, e ele não se mexeu. Eu gritei, soquei, chutei. Nada acontecia.

Então, depois de um tempo longo demais (pareceram-me horas), algo estranho aconteceu.

O grande tronco inchado do Monstro, que na verdade parecia uma barriga grávida, se dissolveu. E por alguns instantes, eu vi uma pessoa em posição fetal dentro dela.

Era eu.

Mas rapidamente ela também se dissolveu. Em segundos, não havia mais nada lá.

Lembro que fiquei ainda um tempo ali, ofegante, ou assim imaginei. Virei as costas para a poça colorida que ficou aos meus pés e me dirigi para a saída. Mas a saída nunca chegava. Eu acabei desabando antes. Engraçado: não senti cansaço.

Levei um tempo para perceber que na verdade eu perdi.

Meu corpo ficou lá atrás, junto do monstro – que na verdade não existia, era apenas uma projeção mental do meu ego, uma delusão, digamos.

Agora eu fazia parte do micélio.

E entendi o verdadeiro crime.

*

Sim, nós matamos uma parte da fauna microbiológica de Arcádia quando entramos no subsolo para captar água – mas não foi somente isso o que aconteceu. As grandes rendas que cercavam as bases e as copas das árvores da região – o que a nossa botânica-chefe batizou de Rendilhado – eram na verdade um único organismo inteligente. Um micélio, ou seja, um coletivo de fungos.

Foi esse coletivo que sugeriu a punição. Que um de nós, a cada ano, adentre a caverna uterina, se defronte consigo mesmo, para enfim fazer parte do todo e sentir a dor que o planeta sentiu.

Tudo se transforma. Esta é uma nobre verdade.

E aqui, em Arcádia, repouso.



CIBERPIQUE

O nascimento do Rei Poedi

Fabio Shiva



CIBERPAJE

É tempo de festa em Baste. Após muitas provas de força, coragem e sabedoria, Olai demonstrou ser o mais valoroso dentre os mantiliões. Não somente foi ele o mais destro no lançamento da seta flexível, como o primeiro a descobrir a saída do labirinto tesseractico e o último a permanecer de pé nos embates com a temível clava sônica. E assim o bravo Olai, terceiro de seu nome, nobre guerreiro da casa de Mocad, provou ser digno da excelsa honra de se tornar o príncipe consorte.

– Louvores a Olai, ó sublime dentre os machos! Que a tua seiva jorre abundante e fecunda, assim como o teu sangue doce e quente – proclama o arauto, ao anunciar oficialmente o resultado do torneio.

Com as membranas auditivas vibrando pelas retumbantes repetições de seu nome por milhares de vozes em uníssono, Olai ergue timidamente uma das patas dianteiras, o que tem o efeito de imediatamente reduzir ao silêncio todos os convivas que abarrotam o salão real.

– Meu sangue e minha seiva são abençoados no serviço de meu povo – ele recita a fala ritual. Um novo rugido coletivo se ergue no salão, em entusiástica aprovação.

Quando o clamor se aquieta um pouco, ele acrescenta, direcionando-se ao conselho de anciões:

– Quando poderei conhecer a Rainha?

Sias Tire, o mais venerando dentre os conselheiros, adianta-se para responder:

– Sua Alteza Real, a Casta Jo, está desempenhando o ritual de purificação do ventre, que se completará ao sétimo poente da segunda lua. Até lá, não é permitido a nenhum mortal contemplar a formosa figura de nossa Rainha. Nem mesmo, lamento dizer, a seu noivo.

Em um tom menos formal, Tire acrescenta:

– Compreendemos perfeitamente que o jovem príncipe esteja ansioso para cumprir seus deveres nupciais. Por isso espero que não leve a mal a sugestão deste pobre velho: no amor, ao contrário da guerra, não se deve ter pressa em chegar logo ao fim.

O salão se enche com o som de risos. Então é a vez de Tcreon, nobre da casa real, tomar a palavra:

– Logo chegará o tempo de desfrutar os prazeres do himeneu. Agora, meu bravo Olai, a hora é de celebração. Mandem vir as jarras de néctar! Bebamos todos em honra do casal real!

– A Rainha Jo irá recebê-lo agora – anuncia o capitão da guarda real, rigidamente postado ao lado da colossal porta entreaberta. Ele fica praticamente invisível dentro do suntuoso uniforme utilizado pelos serviçais do círculo interno do palácio.

Olai avança, desconfortável. Ele também está todo enfatiotado, e ainda não se acostumou com seus novos trajes principescos. Mas é sobretudo a consciência da grandiosidade do momento que torna seus passos pesados e hesitantes. Quem o visse agora não seria capaz de reconhecer o audacioso vencedor do torneio dos pretendentes, o conquistador exclusivo do acesso ao leito real, direito e privilégio que ele está prestes a exercer.

Sete ciclos se passaram desde o torneio. Não foram dias ociosos para Olai, que nem de longe imaginava quantos cerimoniais, ritos e obrigações públicas estariam envolvidos em sua mudança de status, de pretendente a consorte real. Por sete vezes as duas luas de Baste mergulharam no horizonte e deram lugar ao pálido sol laranja, sem que Olai tivesse o menor vislumbre da rainha.

Claro que ele, como todos os demais súditos mantiliões, já contemplou à exaustão a bela figura de Sua Alteza, nas transmissões de holovisão. Mas esta será a primeira vez que ele estará na presença física da Rainha Jo.

O vasto e ricamente decorado aposento que Olai acaba de atravessar é a antecâmara do quarto da rainha. Ele para, indeciso, à entrada do quarto, que está envolto em suave penumbra.

– É o meu noivo quem está aí? – diz uma voz profunda e melodiosa, que provoca em Olai um frêmito de prazer. – Aproxima-te, para que eu possa constatar se és mesmo tão galante ao vivo quanto nas transmissões de holovisão.

Inflando o peito, Olai avança na direção da voz. A Casta Jo repousa, gloriosamente desnuda, entre os finos tecidos que recobrem o leito real. Ao se aproximar, o macho capta, em meio aos odores de refinados perfumes e incensos, o pungente e inconfundível cheiro da sexualidade da rainha, aflorando em secreções de inequívoco convite. Ao ver que Olai interrompe seu passo, ela diz, em um tom melífluo:

– Por que te deténs, meu belo noivo?

– É que não imaginava que fosses tão grande, ó minha rainha – responde Olai, com a voz embargada.

– Sou do tamanho de meu desejo, pequenino esposo – diz a rainha, entreabrindo as pernas e exibindo sua intumescida e pulsante vulva. O cheiro que ela exala é tão forte que Olai sente a cabeça zozna, como se tivesse bebido várias jarras de néctar. – Agora vem cá e mostra o quanto estás disposto a cumprir tuas obrigações para comigo.

Como o súdito leal e honrado que é, Olai obedece.

Doze luas duplas depois, chega a feliz confirmação: a Rainha Jo está prenha. Olai é celebrado com honras inexcedíveis e passa os

dias e as noites entre almoços e jantares em sua homenagem. Seu coração, porém, não está de todo tranquilo:

– Quando vou poder ver a rainha?

Agora que a parte inicial de sua missão foi concluída a contento, o orgulhoso varão se ressentido de ter sido relegado a um papel secundário, por honroso que seja. Mais que tudo, na verdade, pesam as saudades da rainha:

– Será que vou poder vê-la hoje?

O velho Sias Tire, conhecedor dos misteriosos caminhos do amor, é quem oferece palavras de consolo ao coração de Olai:

– Trata de refrear teus anseios e de colher as glórias que hoje chovem sobre tua cabeça, ó impetuoso mancebo. Não te aflijas por não mais desfrutar da companhia de tua bem-amada. Os prazeres da cama duram pouco, se comparados às delícias da mesa. Enche tua barriga a contento, pois nisso residem teu dever e tua felicidade no momento presente.

Sem divisar melhor alternativa, Olai obedece, mais uma vez.

Afinal é chegado o dia do parto. A Rainha Mãe, mais gigantesca do que nunca, ofega estendida em seu leito, gemendo no ritmo das contrações. O quarto de Jo é que parece menor, abarrotado como está pela presença dos conselheiros, testemunhas indispensáveis do grande evento, que mal deixam espaço para a movimentação atarefada das doulas reais.

Novamente admitido à alcova real, Olai mantém uma respeitosa distância, muito ciente da dignidade de seu novo papel. Por estranho que pareça, ele considera mais fácil o dever que o aguarda hoje, diante da parturiente, que aquele docemente desempenhado tantos ciclos atrás. Talvez o longo tempo de faustosa ociosidade tenha do-

mado seu ímpeto masculino. Ou talvez a nostalgia da espera tenha por fim abrandado o seu espírito. O fato é que, de uma forma ou de outra, Olai está pronto.

Estridentes vagidos cortam o solene silêncio do quarto, que até então só era quebrado pelos estertores da rainha. É nascido o herdeiro do reino. Orgulhosa e comovida, a chefe das doulas ergue a criança nos braços para a contemplação de todos:

– É um menino!

Gritos de júbilo seguem-se ao auspicioso anúncio. Para Olai, essa é a derradeira confirmação: sua hora é chegada. É preciso agir agora, antes que o bebê seja passado para os braços da mãe. Ele avança até se posicionar diante do filho, que choraminga no colo da doula, habituando-se a sorver o tépido ar de Baste. Imediatamente a criança interrompe o choro, dando mostras de ter farejado o pai. Olai ainda se permite um instante de contemplação: é mesmo um lindo menino.

– Seu nome será Poedi – diz, comovido.

Desembainhando sua arma, Olai assume a postura ritual de ataque e se põe à espera. Não demora muito tempo. Com uma agilidade insuspeitada, o menino salta dos braços da doula e se atira em seu pescoço. Olai permanece imóvel, com sua arma erguida anunciando um golpe que jamais se concretizará. Logo os dentes afiados do infante obtêm êxito em rasgar sua garganta. O sangue leitoso jorra na boca do menino, sendo avidamente sorvido.

O velho Sias Tire adianta-se e proclama, em um tom quase triste:

– É o destino do filho gerar a morte de seu pai. É o destino do pai continuar vivendo no filho.

Ao que todos os presentes respondem, inclusive a rainha:

– Olai está morto. Longa vida ao Rei Poedi!



CIBERPAJE

Onde as (nano)cores se arvoram

Gazy Andraus



CIBERPAJE

○ nanolocal colorido (nanoparte I)

Ei-lo... planeta Terra (e água por todos os lados)!

Chuva desabando...e o sol a despontar no fragmentar das nuvens em gotas.

No interior multicolorido do arco-íris refletido, jaz um nanouniverso. Sua (con)formação tem a ver com os reflexos de luz ancorados nas gotas de chuva que despencam sobre os relevos do planeta...

Não importa qual seja a esfera giratória, mas esta é sua simbiose com nanouniversos colapsados, que se abrigam, cada quais, numa das gotas líquidas que se refazem a partir das nuvens e do ciclo baseado no aquecimento da estrela-regente extra-planetária.

Sol!

Mas ali, na gota, há vida: a “matéria”, não apenas translúcida, mas revestida de cores lineares segmentadas, tais quais as que perfazem os arcos-íris.

Ainda assim, os seres que habitam aquele nanomundo goticular são reflexos deste outro mundo maior, mas com nuances diferenciais... como espelhos amplificados e transmutados.

Seres que lá existem se refletem em qualidades ampliadas, mas distintas. Crianças, jovens, adultos, senis... homens, mulheres, trans-morfos. Todos lá se portam à natureza arcoírica. Casas, ruas, veículos, objetos. Tudo, absolutamente tudo permeado por feixes de cores arcoirizados, e que jamais seriam perceptíveis ou identificados pelos terrenos que daqui visualizam os arcos na atmosfera da Terra!

Lá, naquele *outromundus* de plenas cores, cada vivente resta com sua tarefa como contraparte daqui, tendo sua peculiaridade que jamais poderia ser cá interpretada em sua integridade!

Lá é outro mundo, literalmente! Mas dentro da gota, do orvalho, do oceano nanomundo é que se colapsa em instantes, quando aqui transparecem os arcos-íris (por vezes duplos gêmeos) intensificando a polaridade dual daquele alter-plano de existência!

Pois reside em cada de uma das gotas... um nanomundo!

Mas vamos saber o mínimo de tal existência, a partir do entendimento racional humano, ao se narrar aqui um fato corriqueiro do “lá-lugar-outro”, que ocorre numa destas gotas...

A “sociedade-colorizada” (nanoparte 2)

O sínodo arco-írico, por exemplo, dos seres que detêm a gama de sabedoria-mór é formado por entidades de alta conformação espiritual, que residem além das “cidades” locais goticulares, por assim dizer.

Em geral, os seres de luz/feixe-colorizada podem (ou não) caminhar dentre as linhas colorificadas, mas muitos deles têm outras conformações de membros, que podem escorregar, rastejar, ou mesmo levitar!

A alimentação se transmite (e se transmuta) via retinas, que detêm as cores afloradas e delas transubstanciam os materiais necessários à manutenção de seus corpos semi-materiais.

As instituições de ensino de lá são como palácios suntuosos e todas as construções se arquitetam e se remontam linearmente por cores, de acordo com os “arcoíristéticos” que utilizam a matéria-energia semi-coagulada como parte da conformação semimaterial das paredes” (ou algo proximamente similar, a que entendamos).

A comunicação se faz via sonorização-colorista, e as cores transmitem-se por sensações sinestésicas. Cada cor reverbera uma sensação auditiva e com isto, a gama complexa de relações comunicativas é de-

finida por variáveis-patamares (jamais vislumbrados pela comunicação terrena, que aqui se dá via contraste de luz e fonemas sonoros)!

Lá, há seres cuja transcendência possibilitada trazem um corno específico colorido na testa (o “color-corno”), como parte potencial de seu crescimento exponencial de magnitude senciente!

A transcendência-orvalhal (nanoparte 3)

Para que se chegue perto do que seria tal entendimento, relata-se aqui uma das fases de alteração de tais seres.

Do sínodo, surge uma de suas entidades espirituais portando a espada/retino-írica. Assim, ao ser convocado para instruir um dos seres unicorniais jovens, ele, ao encontrá-lo, gentilmente afaga o chifre de sua testa, preparando a espada-írica com a outra mão, e em seguida, remove o color-corno, substituindo-o pela espada. Esta, ao ser introduzida no local agora vago, insere-se via cabo e pomo em forma de cruz, verticalizando-se e expandindo sua conformação colorizada.

O jovem imberbe e descornado, agora, recebe uma verticalizada espada em sua cabeça e esta reluz absorvendo as cores multivariadas do plano de existência de tais seres, e o transforma num ente mais sinestésico, podendo inclusive, absorver partes da estrutura de energias perimetrais oriundas de buracos negros, auxiliando-o a reter a potência sugadora de suas conformações.

Segue-se, então, uma opção interessante: o color-corno retirado pode ser mantido, resguardado, para que seja amplificado e, logo que esteja mais “en-cor-pado”, durante o orvalho terreno, é arre-messado pelas “linhas” do arco-íris (ainda que este não seja visível a todo instante, lá ele é pleno em sua existência). Ao chegar ao seu extremo final, o corno colorizado se materializa no solo terreno do

planeta Terra e, com as gotas derradeiras da chuva advinda das nuvens, e como parte da luz refletida de suas gotículas, embebe-se e se “re-deforma” como semente, arvorando-se em um futuro possível, ao germinar e crescer como uma árvore – então um vegetal, do solo ao qual eclodiu!

Dela, da árvore, o sustento de Gaia se mantém equilibrado, ficando suas raízes, pois o color-corno alude e tempera - visto que recebera uma composição quimérica de cores a partir de energias luminárias e até de campo gravitacional (do buraco-negro em conluio ao terrestre) que se reflete na gravidade planetária!

Cor-clusão (nanoparte 4)

Assim, sem que nenhum ser terreno o saiba, o reconheça, ou sequer o imagine, eis que o nano-universo senciente e sinestésico colorizado interfere na manutenção planar terráqueo-universal!

Eis o ponto *sine-qua-non* do arco e seu íris, que é revivenciado visualmente por cada humano, em suas membranas pigmentadas presentificadas em cada um de seus olhos!

É assim que a gota em seu mínimo centímetro, decímetro e nanômetro, então unificada fractalmente se locupleta enraizando-se e renderizando-se num universo colorido, ao mesmo tempo em que enegrecido pelo vácuo sideral, pontuado por luzes estelares, e ajudando a existência a piscar! E num contraste incessantemente colorizado, imenso e ao mesmo tempo nanico englobando todos os seres... dos terrestriais aos arcoíricos e estratosféricos!



CYBERPAJE

0 aplicativo

Gian Danton



LIBERFAJE

André não se lembrava de já ter visto aquela loja. E passava por aquele local todos os dias para ir ao trabalho. Ficou curioso. Quem montaria uma loja num local assim, escondido? A placa dizia apenas ALEPH. Nenhuma indicação do tipo de produto.

Olhou no relógio. Ainda tinha tempo. Podia dar uma conferida. Um vendedor sorridente o esperava do lado de dentro.

- Bom dia. Seja muito bem-vindo! Posso ajudá-lo?

- Oh, não. Só entrei por curiosidade. Nunca tinha visto essa loja.

- Nós nos mudamos há poucos dias.

Olhou à volta. Havia prateleiras, mas elas pareciam vazias, exceto por alguns suportes de acrílico.

- O que... o que vocês vendem aqui? Não vejo produtos na prateleira e não tinha nada na vitrine.

- Oh, desculpe-nos. Ainda estamos organizando a loja. Nós vendemos celulares.

- Celulares?

O vendedor sorriu de orelha a orelha.

- Sei o que está pensando: mais uma loja de celular. Mas posso garantir: o senhor nunca viu um celular como o nosso. Vendemos produtos exclusivos.

Parou por alguns instantes e pareceu lembrar-se de algo.

- Temos o produto certo para o senhor. Uma pechincha!

André olhou no relógio.

- Eu não posso. Só entrei por curiosidade. Se me demorar aqui vou atrasar para o trabalho.

- Não, não, não! O senhor não vai sair sem eu lhe mostrar o produto que o senhor sempre sonhou.

Foi para trás do balcão e voltou com uma caixa totalmente preta, apenas com a palavra ALEPH escrita em dourado. Era elegante, André admitiu.

- Posso apostar. O senhor nunca viu um celular como esse.

Abriu a caixa.

De fato, André nunca vira nada parecido. O design era tão moderno e fino que fazia os outros celulares que ele já tivera parecerem tijolões.

- O senhor gosta de fotos? Vamos, tire uma foto.

André parecia indeciso. O celular parecia caríssimo. Se quebrassem aquilo, dificilmente teria dinheiro para pagar.

- Vamos, tire uma foto!

- Uma foto de que?

- Pode ser uma foto minha. Quero que veja a qualidade da imagem.

O rapaz tirou a foto. Depois abriu a galeria. Era impressionante. Nunca vira um celular com tamanha resolução. Ampliou a foto. Podia ver até mesmo os poros na pele do vendedor. Quanto custaria aquele celular? Uma fortuna, certamente.

- Realmente, a qualidade é incrível, mas já estou atrasado...

- A câmera é boa, mas não é nem de longe o melhor desse celular. Senhor, ele vem com internet ilimitada.

- Ilimitada?

- Cortesia da empresa para os primeiros compradores.

- Como assim, ilimitada?

- Significa que o senhor terá internet para sempre, sem limite de franquia. Vamos, abra uma página.

Incrédulo, André abriu o Youtube. Sabia que era uma das páginas mais pesadas, mas ela abriu como se estivesse abrindo uma pági-

na de texto. Clicou num vídeo. Ele abriu com uma rapidez incrível. Nunca vira nada parecido.

- Olhe, tudo isso é muito interessante. Mas estou atrasado. E, além disso, eu não teria dinheiro para comprar um celular desses. Deve custar uma fortuna.

- O valor dele é de 10 mil reais.

André soltou um suspiro.

- Eu sabia. Nunca vou ter dinheiro para comprar algo assim... obrigado, mas...

Já ia saindo. O vendedor o segurou.

- Senhor, esse exemplar está sendo vendido a mil reais.

André levantou a sobrancelha, desconfiado.

- Mil reais?

- Esse é usado. Mas o antigo dono usou poucos dias. Como pode ver, ainda está totalmente novo, como se tivesse saído da fábrica. E a garantia continua sendo de um ano.

- Por que o antigo dono devolveu?

- Uma infelicidade. Ele morreu. Suicídio. Os parentes nos venderam de volta o celular.

André titubeou. Comprar um celular que tinha pertencido a alguém que tinha se matado? Por outro lado, nunca encontraria um celular por aquele preço.

- Mas, como eu disse, a garantia de um ano continua valendo. E, aqui entre nós, há aplicativos aí que o senhor não encontrará em nenhum local. E se quiser colocar outros, vai descobrir que a o armazenamento interno é quase infinito.

No final acabou comprando. Levou na sacola da loja. Assim como o celular, era elegante, toda em preto, apenas como o nome da empresa em dourado: ALEPH.

Naquele dia ele trabalhou desconcentrado. O tempo todo olhava para o pacote ao seu lado. Queria poder explorar aquele pequeno pedaço de tecnologia de ponta, mas sabia que não teria condições no trabalho.

Na verdade, só abriu a caixa quando chegou em casa. Pegou o celular como quem pega uma joia. E parecia mesmo uma. A tela se iluminou na sua frente e ele começou a perscrutar os aplicativos. Achou um jogo de naves que era realmente espetacular: o design, a jogabilidade, a resolução, tudo era perfeito. Fechou o jogo e começou a explorar as telas. Foi quando se deparou com um ícone estranho. Era apenas um círculo preto. Nenhuma letra, nenhum nome, nada. Totalmente misterioso. Clicou nele e levou um susto.

Uma imagem apareceu à sua frente. Um holograma. Nunca vira nada assim. Parecia uma cidade futurista. Podia ver as pessoas andando, conversando, indiferentes a ele.

Nunca, nunca vira nada como aquilo.

Devia ser um tipo de jogo, talvez algo como The Sims. Só precisava aprender como manipular os personagens.

Enquanto não descobria como funcionava o jogo, ficou lá, fascinado, olhando as pequenas pessoas em 3D que apareciam à sua frente. Era incrível o nível de detalhismo, a resolução. Cada um deles tinha um rosto diferente, uma maneira de se movimentar, uma personalidade visual para cada um deles.

Pesquisou na internet, mas não descobriu uma única referência àquele jogo revolucionário. Pelo jeito, era tão novo que praticamente ninguém o havia jogado. Procurou o manual, mas não havia nenhuma informação sobre aquele jogo.

Enquanto não descobria como jogar fiou lá, fascinado, olhando para aquele mundo ficcional hiper-realista. À certa altura percebeu

que um dos personagens olhava na sua direção, como se percebesse que ele estava lá. Seria possível? Os programadores teriam produzido um jogo tão realista que os personagens poderiam ter consciência da pessoa que estava jogando? André abanou a cabeça, incrédulo. Isso era impossível.

Resolveu fechar o jogo. Estava tão empolgado com o celular novo que nem mesmo tomara banho ou comera depois que chegara. Fez isso, mas o tempo todo só pensava no jogo. Mesmo assim, tentou resistir. Não poderia passar o tempo todo jogando, ainda mais um jogo que não sabia como funcionava.

No final, não resistiu. Enquanto jantava, abriu o celular e ficou lá, engolindo a comida sem perceber o sabor e olhando maravilhado para aquele mundo de ficção científica.

Naquela noite rolou na cama, incapaz de dormir. A cabeça estava no celular. E no jogo. Finalmente, levantou-se e começou a mexer no celular. Tinha que descobrir como poderia manipular os personagens.

Tornou-se obcecado a ponto de levar o celular para todos os locais em que ia, inclusive o banheiro.

De manhã, quando tomava café, pensou ter visto alguns deles agrupados, olhando e apontando... para ele. Alguns pareciam rir.

Olhou para baixo e espantou-se: tinha colocado café numa tigela de porcelana e tinha quebrado macarrão cru no líquido. Era isso que estava comendo.

Cuspiu na pia o que estava na boca e jogou fora o resto.

Naquele dia, não foi ao trabalho. Já ia saindo, quando mudou de ideia e voltou a mexer no celular. Nem ele mesmo saberia dizer por que. Nunca faltara, nunca fugira de suas responsabilidades. Mas naquele dia era como se fosse forçado a ficar em casa, mexendo naquele jogo maldito.

Começou a perceber algo errado quando estava no banheiro, escovando os dentes. Sentiu um gosto amargo na boca. Olhou para baixo e percebeu que usara creme de barbear no lugar do creme dental. Como fizera aquilo? Como cometera um erro tão óbvio? O celular estava lá, ao lado dele. Os pequenos seres estavam parados, olhando para ele. Alguns pareciam rir.

Foi quando desconfiou de que estava sendo controlado. Bobagem, pensou. Isso é impossível. Como personagens de um jogo poderiam controlá-lo? Mas agora, olhando detalhadamente, tinha certeza. Eles estavam rindo dele, se divertindo.

Durante toda a manhã fez coisas que nunca fizera em toda a sua vida: tomou banho molhando apenas um lado do corpo, varreu a casa com os pés, ficou pulando pela casa, sem motivo algum.

“Estou louco!”, pensou. Mas sabia que não estava. Seus pensamentos estavam em ordem. Inclusive tinha noção do que seu corpo estava fazendo. Mas mesmo assim não conseguia se controlar. Era como uma marionete, sendo manipulada por alguém.

Essa percepção se tornou certeza no final da manhã, quando o porteiro do prédio bateu em sua porta.

- Senhor, desculpe incomodá-lo, mas os vizinhos estão reclamando de barulho. Está acontecendo alguma coisa?

Antes que pudesse perceber o que estava fazendo, a mão estava levantada num soco certo. O porteiro recuou dois passos e levou a mão ao nariz, ensanguentado.

- Você quebrou o meu nariz, seu maluco!

André fechou a porta. Foi até a mesa e pegou o celular. Ia se livrar dele. Ia jogá-lo pela janela.

Não, não iria fazer nada disso. Aquele era o melhor celular que já tivera, era um item exclusivo, tirava fotos perfeitas e tinha aplicativos que nenhum outro teria. Era o celular perfeito.

Colocou-o de volta na mesa, a mão tremendo. Nunca ia se livrar daquilo, por mais que quisesse.

Foi então até a janela e abriu-a. Olhou para trás, para as miniaturas holográficas. Algumas delas estavam se contorcendo em risos.

Subiu na janela e jogou-se, rezando para estar morto quando chegasse ao chão.



CYBERPPE

Pandemônyo em Pyndorama:
alegrya, alegrya

Nelson de Oliveira



Caminhando contra o vento-pandemônio, no sol solaz de quase dezembro, os olhos cheyos de metacores, o peyto cheyo de transamores (vãããooos), rá rá, alegrya, alegrya, eu vou, tu vays, ele vay, nós yremos, vós yreis, eles yrão embora pra Pasárgada... Stop. Cacildis! Que algazarra é essa? As vozes em minha cabeça discutem ruidosamente sobre a existência ou a inexistência de certas criaturas diáfanas que se instalaram no útero cognitivo. Alguém diz que esses visitantes indesejados – provérbios, aforismos, frases feitas, chavões sorrateiros – simplesmente chegaram e se acomodaram, sem pedir licença, sem a menor cerimônia. Outro alguém diz que não está vendo visitante algum, criatura alguma, que estamos todos delirando, vocês, malukas e malukos, respirem fundo e esperem passar, se a alucinação não passar em três dias, interrompam a dieta de cogumelos, comigo isso sempre funciona. (Gritaria. Confusão.) Outro alguém diz que precisamos dar uma prensa violenta nesses diáfanos indesejados, mesmo que eles não existam, porque muitas vezes a inexistência é a forma mais ostensiva e incômoda de existência, principalmente essa irritante inexistência diáfana. Eu também tento mostrar indignação, mas é difícil quando se está trepando e trepando e trepando e a suruba parece infinita. Mergulhada há tanto tempo numa piscina vermelha de faiscantes fluídos sexuais, prestes a atingir o último círculo do décimo oitavo orgasmo, reconheço que mal consigo prestar atenção no que meus colegas de útero estão falando. Outro alguém diz, eles se recusam a conversar com a gente, eles se recusam a explicar por que estão aqui. Outro alguém diz, então eu me recuso a continuar vivendo num espaço infestado por esses parasitas. Outro alguém diz, mas tem gente falando que os parasitas não são eles, tem gente falando que nosso útero foi instalado num terri-

tório subjetivo já habitado por essas criaturas linguísticas. Putaqui-pariu, o primeiro alguém explode, você tá dizendo que **nós** somos os malditos invasores? (Mais gritaria. Mais confusão.) Outro alguém diz, anos atrás, antes mesmo da telepatia, minha avó materna me contou que sua mansão neocolonial foi invadida por duzentas e sete entidades fantasmagóricas, elas chegaram quando minha avó ainda era criança. Outro alguém diz, a gente conhece essa história, tua avó falava que a mansão havia sido construída em cima de um cemitério clandestino da época da Ditadura Militar. O alguém anterior continua sua história, minha avó contava que as entidades não queriam nada com ela, não resmungavam nem moviam os objetos, parece que elas só queriam ficar quietinhas, meditando em paz nas sombras estreitas dos cômodos espaçosos, o problema era que ninguém mais enxergava essas entidades, somente minha avó criança. Exausta de tanto gozar e regozar e tregozar, eu me viro do avesso e me desconecto da suruba infinita e tento finalmente acompanhar a discussão, mas um fio prateado enrosca em minha orelha direita, contorna minha cabeça, desce até a axila esquerda, dá a volta e segue em frente... Então eu sinto esse mesmo fio se enroscando instantaneamente em todas as pessoas do útero, que sou eu mesma, indivíduo-coletivo. Eu digo, pessoal, esse fio prateado, o que vocês acham, ele existe mesmo ou é somente mais uma confusão cognitiva, mais um equívoco literário de nossa desorientada e desaparecida ficcionista? Alguém diz, esse é o fio da fraternidade, o pajé da minha aldeia – ah, eu queria tanto que ele estivesse aqui, com a gente – costumava contar pras crianças a lenda do invisível e invencível fio prateado que liga todas as pessoas do planeta. Outro alguém diz, se esse fio é invisível, por que estamos enxergando? Ninguém fala nada... Eu arrisco um palpite, todas essas encencas sobrenaturais, será que é porque nós mor-

remos e ainda não sabemos que morremos? (Mais gritaria. Mais confusão.) No transe homogêneo da telepatia os opostos se sobrepõem – a qualquer momento é dia ou noite, frio ou calor, qualquer pessoa é macho ou fêmea, criança ou adulto –, menos os opostos vida ou morte. Ao menos até agora, se eu estiver certa. Alguém engasga com a tragada errada de um baseado e todos nós também engasgamos, outro alguém tem um ataque de soluço e todos nós também soluçamos. Outro alguém diz, chega de palhaçada, a gente precisa pensar com mais frequência no mundão lá fora, em sua extensão e profundidade quase sem limites, chega desta vadiagem, chega desta alienação, crianças, estamos muito mal acostumados, porra, já passou da hora de dizer adeus a esta confortável colmeia de medrosos e mergulhar de vez no vasto oceano selvagem da vida real, não concordam? Sem mais nem menos o fio prateado começa a vibrar e cantar, você não se sente, não vêêêêêê, mas eu não poossoo deixar de dizer, meu amiiiiigo, que uma nova mudaaança em breve vai acontecer, o que há algum teempo era novo, jooovem, hoje é antiiiiigo, e precisamos toodos rejuvenesceer. Todos nós – eu – começamos a cantar juntos, uns afinando e outros desafinando o coro de faíscas fanfarronas. Talvez comovido com a nossa cantoria improvisada, um dos visitantes indesejados desiste finalmente de nos ignorar e vem falar com a gente. É um clichê-chiclete molambento – um desses estereótipos com cara de bunda caída, tipo ruído-ensurdecedor, disputa-acirrada, à-flor-da-pele, partes-pudendas, pisar-na-bola, íntima-convicção, legião-de-fãs, recordar-é-viver, beco-sem-saída, vítima-indefesa, ou até pior, afinal quem pode dizer que conhece **de verdade** a força danosa que se esconde no coração de uma erva daninha? –, prosseguindo, é um clichê-chiclete molambento que sai da posição do *Pensador*, de Rodin, chega mais perto e fica puxando

a manga da minha camisa florida, dizendo, posso contar o que aconteceu, posso contar o que aconteceu? Eu tento ignorar esse assédio irritante. Detesto gente pegajosa. Mas a criatura continua, posso contar o que aconteceu, posso contar o que aconteceu? Eu digo, tudo bem, caralho, conta logo. O clichê-chiclete babão solta minha manga e começa a contar o que aconteceu, era uma vez um sorriso-sarcástico muito safado que arrastava uma asa ou duas ou três para uma tristeza-profunda menor de idade. O safado foi preso e a ninfeta cortou os pulsos num impulso, porque essa pobre tristeza-profunda – riquíssima – morria de amores por uma atitude-impensada que amava mesmo era um gesto-tresloucado. Dizem as boas más línguas que a atitude-impensada e o gesto-tresloucado certa vez invadiram o plenário da câmara dos deputados, aos gritos e negritos. Tem uma bomba no congresso nacional, tem uma bomba no congresso nacional, os dois berravam. Ninguém deu bola, pois viram que uma imaginação-fértil peluda e pulguenta acompanhava o casal, latindo arco-íris de fake news. O presidente-de-leite da câmara e seus gerúndios de estimação – enchendo-linguiça, chovendo-no-molhado, caindo-em-desgraça e virando-o-jogo – abriram o peito e exibiram a beleza-interior mais fedorenta da república privada (som de descarga). A atitude-impensada caiu em pratos, digo, em prantos limpos, e o gesto-tresloucado mergulhou de cabeça, digo, de cabeça-quente numa fria camisa-de-força. Esse forrobodó foi mesmo o ó do borogodó (manchete de jornal). Uma questão-espinhosa alfinetou todos os olhos da atitude-impensada, depois enfiou um pedaço da mais dura-realidade em seu sigilo-absoluto. Uma lavagem-cerebral quebrou uma garrafa de fina-ironia na cabeça-oca do gesto-tresloucado, produzindo um corte profundo mas superficial, superficial mas profundo, uma boquinha-bocarra que começou a cantarolar o hino na-

cional. Esse quiproquó foi mesmo o ó do borogodó (outra manchete de jornal). O líder da oposição mandou o amor-platônico e a trepada-homérica soltarem o verbo, coitado, trancado a sete chaves, catorze chavões e vinte chavinhas. Morto de fome-de-vingança, o verbo-solto comeu o pão-que-o-diabo-amassou, arrotou três vezes e fugiu. Um discurso-inflamado empunhou um lança-chamas e tacou fogo no congresso. O líder da situação, putíssimo, beijou os lábios – os de cima e os de baixo – da feliz-coincidência, de quem era amante ardente-de-siso. Ela, mulher infeliz do líder da oposição, uivou de quatro aos quatro-ventos: queee-iiiiii-maaa, cabarééé-ééé! A bomba – havia mesmo uma bomba, quem diria – finalmente explodiu. O único que escapou com vida foi o jeitinho-brasileiro, sujeitinho meio trouxa meio broxa, que no dia D e na hora H estava em casa, tentando dar umazinha na exausta vitória anal, digo, moral, de uma triste viúva-alegre. As boas más línguas não dizem, mas um dia esse sujeitinho arreganhará uns dentes de presidente. (Pausa pra respirar.) Após tomar fôlego, o clichê-chiclete molambento pesca um cigarro diáfano do maço diáfano que traz no bolso diáfano da jaqueta diáfana, acende a ponta diáfana e dá uma vigorosa baforada diáfana. Eu digo, todo esse blabláblá aconteceu muito antes da pandemia da telepatia, quando a mente das pessoas ainda era uma caixa-preta cheia de segredos, quando ainda era possível conspirar e corromper longe do conhecimento da maioria, que perda de tempo, por que você me contou essa comprida história velha? O clichê-chiclete babão aproxima a diáfana cabeça cheia de protuberâncias de minha cabeça humana, demasiado humana, e sussurra, você precisa acordar, nada disto é real, você está presa, todos vocês estão presos nas dependências ilusórias de um programa de realidade virtual... Eu digo, você está falando de um tipo de matrix? Ele começa a transpirar e balbu-

ciar. Parece muito nervoso, seu coração diáfano está encarcerado numa cena senil, tuntum, tuntum, chuviscam agulhas viscosas, o clichê-chiclete babão titubeia sozinho numa arena de pesadelos, em seu queixo molhado de saliva eu noto o início de um tique, de um esgar. O clichê babão choraminga, é perigoso, estamos sendo vigiados. Eu penso, é claro que estamos sendo vigiados, imbecil, essa é a verdadeira natureza da conexão mental total, privacidade é coisa do passado... Ele reúne toda a pouca coragem que lhe sobrou e diz, uma guerra está chegando, parece que no Parque Indígena do Xingu uma criança descobriu que o valor de pi é um número ímpar. Agora sou eu quem balbucia, que merda é essa, uma criança descobriu... Mas antes que eu tenha tempo de completar minha frase e ele tenha tempo de me falar mais alguma coisa, acontece um déjà-vu, chega de palhaçada, alguém diz – o mesmo alguém que já havia dito isso antes –, a gente precisa pensar com mais frequência no mundão lá fora, em sua extensão e profundidade quase sem limites, chega desta vadiagem, chega desta alienação, crianças, estamos muito mal acostumados, porra, já passou da hora de dizer adeus a esta confortável colmeia de medrosos e mergulhar de vez no vasto oceano selvagem da vida real, não concordam? As paredes abauladas do útero tremem, esticam, afunilam e desmancham, permitindo a entrada do tsunami tagarela e sinestésico que sempre nos envolveu mas sem nos atingir. Os tentáculos e as membranas de nossa telepatia restrita finalmente se misturam com os tentáculos e as membranas da telepatia ampla, geral e irrestrita do inteiro universo humano, sensores-lulas, humores-polvos, músculos contraídos no limite da câmbra, nós-aqui e eles-acolá reunidos, nossos segredos-moluscos nada secretos e seus segredos-moluscos totalmente conhecidos se entrelaçando sem resistência, amorosamente, ah, delicioso espasmo fabu-

loso, ai ai ui ui, parece até que enfiaram e detonaram uma granada em meu rabo, em meu cérebro, esses sons distorcidos nesses cenários deformados, essas ondas e mais ondas e mais ondas de glosso-lalia, falas sobrepostas, pirotecnia dentro de pirotecnia, contornos vermelhos que são azuis que são amarelos que são verdes, tudo isso atravessando minha mente – nossa mente – sem dor nem espanto maiores do que o esperado, do que o desejado. No oceano mundial da telepatia o nome mais recorrente é o da menina juruna de seis anos – seu nome é Yarimã – que vislumbrou de cabo a rabo, num transe xamâmico que durou vinte e sete horas e aproximou a lua vinte e sete quilômetros da Terra, o completo e verdadeiro valor de pi. Isso gerou o desequilíbrio que deu início à genocida violência da Excelsa Irmandade Imanente dos Ímpares contra a Sagrada Congregação Transcendente dos Pares, que está sendo escorraçada sem piedade nos cinco continentes. A dor descontrolada dos esfaqueados-baleados-enforcados-queimados-envenenados-atropelados-afogados continua reverberando nas dobras e nos interstícios da rede mundial mental, enlouquecendo as sensibilidades mais sensíveis. Caos e suicídios em massa. Alguém diz, protejam Yarimã do vórtice venenoso. Outro alguém diz, a menina está segura, ela já ativou seu escudo cognitivo e ele é muuuiiiiiitooo potente. Eu digo, crianças nascidas na telepatia são mais fortes. Meu maior desejo? Que este momento dramático, pesado pra caralho, se transforme numa alegre cena circense, num evento tropicalista. Chega de angústia! Cadê a proverbial irreverência do nosso povo, meu povo?! Alguém diz, alguma notícia de nossa romancista? Eu digo, nenhuma, ela desapareceu mesmo, estamos à deriva, sem pai nem mãe. Eu também ativo meu escudo cognitivo e espero passar o quebra-quebra expressionista da convulsão social. Finalmente encontrado e ex-

posto em praça pública, o completo e verdadeiro valor de pi não pára quieto, parece até a Carmen Miranda no auge da carreira. Enquanto o pau come e a cobra fuma, todas as cores aquareladas do completo e verdadeiro valor de pi sobrevoam placidamente a cidade do Rio de Janeiro, cantando em alto e bom som, ô Brasil, saaamba que dá, bamboleio, queee faz gingar, ô Brasil, dooo meu amor, terra de Noosso Senhor, Brasiiiiil, Brasiiiiil, pra miiiiim, pra miiiiim. Da sacada dócil e macia de meu apartamento eu beberico meu vinho enquanto observo a dureza da moldura que restringe a pintura cinzenta do mundo vespertino. Como seria se a máquina do tempo fosse realmente possível? Beberico meu vinho e também observo um dirigível dourado passeando sobre os prédios atormentados do bairro vizinho. Como seria se o teletransporte fosse realmente possível? Beberico meu vinho e também observo minhas mãos – a taça cai no piso de cerâmica – e vejo que minhas mãos não são mãos, são patas peludas com garras monstruosas. Um urro horroroso! O mapinguari bokomoko – eu? – arreganha a longa boca vertical e começa a sugar a atmosfera, meus dentes giram feito um triturador de lixo, brrr-vrrr, vrrrrr, meu túnel-garganta é implacável, drrr-brrr, grrrrr, em seu interior negro e liso, com um pontinho de luz branca beeeeeem lá no fuuundooo, começam a cair primeiro os objetos pequenos, copos, vasos, quadros, cadeiras, que logo estalam e se contraem, vítimas da pressão atroz, depois vêm carros e vans e caminhões e ônibus cheios de passageiros aos gritos, brrr-vrrr, vrrrrr, a bocarra black hole do mapinguari bokomoko – eu eu eu – é implacável, drrr-brrr, grrrrr, o terraço dos edifícios vizinhos já começa a se soltar quando a cabeça art déco do Cristo Redentor aparece na sacada dócil e macia de meu apartamento e troveja com um bafo de cerveja, pare agora mexmo, demônio excomungado, voxê não vai

provocar o fim dexta hixtória, eu não vou deixar jamaix, abra os braços e rexpire fundo, relaxe relaxe, deixe em pax as mil maravilhax do mundo, pare agora mexmo, maluko da porra, um mudo abixmo xem fundo é apenax um mudo abixmo xem fundo, nada maix nada menoxx, atenxãããoo, luxúria imunda, afixta da vertixem da vida teu vórtixe de morte, vou contar um doix trêx, baaaaaaxta, do dextino aloprado da existência cuidoo eu, kamarada, tudo é uma quextão de manter a mente quieta, a expinha ereta e o coraxão tran-tran-tran-quiiiiiiiiiluuu, a cabeçona art déco do Cristo Redentor começa a beijar a bocarra black hole do mapinguari bokomoko – eu eu eu – que beija de volta a cabeçona art déco do Cristo Redentor que geme, geme, ah, paixão, voxê despexou meu amor, marvado, voxê comeu meu coraxão, trincou, mordeu, maxtigou, engoliu, comeu, o mee-euuu, voxê comeu meu coraxão, maxcou, moeu, triturou, deglutiou, comeu, ooo meeeuuu



O Ninho no Nariz do Boneco

Octavio Aragão



CUBERTTIE

De toda a tralha que encontrei na despensa -- vasos de plantas ainda com terra, ripas de madeira sabe-se lá de onde, raticida na embalagem lacrada -- o que mais me impressionou foram as trinta cabeças, vinte e cinco de meu pai e cinco de minha mãe, cada uma apresentando a última expressão antes do desligamento. Hoje acredito que o número maior para meu pai se devia ao fato dele passar mais tempo comigo, enquanto mamãe levava cerca de sete horas diárias no trabalho, longe de minha vista. Ou assim me disseram. Foi ali, de pé no quartinho que funcionava como depósito do apartamento, aos oito anos e diante do armário proibido, que aprendi que todos mentem. O tempo todo.

Naquela noite, não consegui fechar os olhos. Aproveitei o silêncio e fiquei encarando o céu da janela de meu quarto, que, por sorte, dava para um lado do deserto e não para as outras torres pontiagudas que circundavam o prédio em que morávamos. Nunca aceitei nossa arquitetura. Agulhões, torres tão finas que pareciam seringas prontas para injetar sabe-se lá o quê no traseiro de algum gigante incauto que desse o azar de tropeçar por ali. Mas a vista... ah, a vista.

Não bastasse o céu em craquelê azul, a areia duplicava a sensação de vivermos em um daqueles globos de neve, tão comuns nas antigas culturas do Norte, onde o verão é inverno e vice versa, mas à noite, principalmente nos minutos anteriores ao amanhecer, o lusco fusco era um festival violáceo. Todas as lembranças dessa época parecem infiltradas por areia azulada. Porém, foi naquela noite que decidi quebrar o vidro do globo de cristal e descobrir o que eram meus pais, aquelas cabeças no quartinho dos fundos.

A manhã veio como sempre e eu estava como nunca. Acordei antes de meus pais, tomei o café sozinho e me comportei como o que

achava ser um adulto por todo o dia. Não reclamei da comida, dos deveres de casa ou do tradicional bullying virtual durante a aula. Nem quando a impressora 3D fez das suas, se recusando a imprimir um sólido para a aula de geometria, soltei um improperío. Só me faltava a auréola. É claro que os dois, durante o jantar em família, estavam perplexos. Mal conversavam entre si, mas me bombardearam com perguntas, sendo que a menos idiota delas foi “está se sentindo bem?”.

Eu estava ótimo por fora e era ódio por dentro.

Mal podia esperar pela madrugada, pela investigação no quarto, pela aula depois da aula que me esperava. Seriam robôs? Seriam manequins? E se eu falasse com elas? E se perguntasse às cabeças o que achavam daquela vida enfiada em um armário escuro, sem janelas para o deserto? E se elas respondessem? E se pedissem por sua liberdade? O que eu faria? Provavelmente jogaria todas pela janela para voarem verticalmente até a areia lá embaixo. Encherem de grãos azulados suas bocas impassíveis, seus cabelos seguros por redinhas diáfanas, seus olhos sempre abertos, mas cegos. E se chorassem e não pudessem gritar? E se chorassem sem lágrimas? E se estivessem presos em seus crânios, conscientes de tudo, mas com os terminais nervosos desligados? E se seus corpos fossem fantasmas, daqueles que provocam comichão mesmo sem existência física? Tinha ouvido dizer que pessoas amputadas sentem coceiras e dores nos membros que não existem, então não havia razão para aquelas cabeças, caso fossem sentientes, não quererem coçar os corpos que não estavam ali. Achava aquela linha de raciocínio muito lógica.

Todos adormeceram e lá fui eu, depois de alguns minutos para me certificar que não estavam ainda acordados, fazendo aqueles sons estranhos em seu quarto, me esgueirei até o quatinho. Esbar-

rei em um banquinho na cozinha e congelei, esperando que um dos dois aparecesse para se meter na minha vida, mas o sono devia ser forte naquela noite.

Escancarei a porta do armário. Nada.

Nenhuma cabeça me aguardava ali, apenas os mantimentos para o resto da semana. Revirei tudo o mais silenciosamente que pude, mas não havia nada em lugar algum. Ao terminar, sabia que alguém estava atrás de mim. Meu pai, envergando uma expressão de estranheza, cenho fechado ao ponto das sobrancelhas se tocarem no centro da testa, me perguntava o que diabos eu estava fazendo acordado àquela hora.

Eu conhecia meu pai. Se desconfiasse de eu ter encontrado as cabeças, estaria com uma cara de raiva, mas não era o caso. Era uma dúvida genuína a respeito do que eu estava fazendo ali e da minha sanidade.

Não tentei inventar nada. Apenas sorri sem jeito, pedi licença e voltei ao meu quarto. Ele veio atrás de mim em silêncio, talvez para não acordar a mamãe, mas ainda com cenho franzido. Esperou eu me deitar e, encostado no batente, sussurrou que conversaríamos no dia seguinte. Assenti e pedi para o quarto apagar as luzes.

Pensei que passaria outra noite insone, mas logo estava caminhando em sonhos por vielas mal iluminadas e tão estreitas que mal deixavam meu corpo passar. As janelas ao redor prenhes de olhos, mosaicos de íris alaranjadas.

Acordei. À janela, areia, azul.

Durante o banho matinal, imaginava o que viria na conversa subsequente. Meu pai esperava à mesa, minha mãe bebericava o café -- preto, como sempre -- já pronta para sair, mas dedicando aqueles preciosos minutos pré-embarque ao filho recalcitrante. Papai era mercurial, emoções no rosto. Minha mãe, ao contrário, esfinge,

economia espartana de expressões. Decifra-me ou não, não importa. Devoro-te de qualquer jeito. Ou bebo-te como o café. Puro.

Sentei diante deles como um réu. Expliquei que meu comportamento estranho nos últimos dias se devia a um certo amor não correspondido na classe virtual de mandarim e que logo passaria, como todas as paixões. Sim, eu era tão maduro. Ou ao menos achava que fingia muito bem.

Mamãe revirou os olhos. Coisa besta. Podia estar me divertindo, me arrumando, mas não, estou aqui perdendo tempo com o menino que acha que é adolescente. Tchau, estou atrasada. Como sempre.

As sobranças de meu pai, por outro lado, não voltaram aos lugares de praxe. Queria saber o que tinha uma coisa a ver com a outra, na cabeça dele depósitos e amores perdidos não combinavam. E estava correto, a não ser que eu inventasse uma desculpa mais escabrosa ainda. Não foi difícil: queria um lugar afastado para chorar.

Aos oito anos não se chora por amores perdidos, disse meu pai. Nem se sabe direito o que é um amor. Mas eu sabia. Ou dizia saber. Precisava acreditar para ser convincente. Não queria que ele perdesse a cabeça. Ou tirasse.

Tudo bem, mas precisava dar um jeito nisso se quisesse viver bem, disse com ares de quem sabe muito e como se eu não ouvisse os gritos que os dois trocavam todos os fins de semana por motivos espúrios. Derrubou no chão minha bolsa de trabalho, jogou fora minha coleção de revistas de arte, quebrou meu perfume francês, acabou o café e por aí vai num infinito de atritos desnecessários, mas eu era quem precisava de conselhos, claro. Porque as crianças não sabem nada.

A solução era simples. Bastava devanear minha musa sofrendo de uma diarreia devastadora e todo o amor desceria por meu esgoto

imaginário, deixando no lugar uma hilaridade irresistível. Eis o que meu pai entendia como conselho sentimental para um menino de oito anos. Provavelmente foi por isso que nunca me apaixonei.

Mas o importante é que ele estava convencido e suas sobrancelhas voltaram ao local de origem. Pronto, agora só precisava sanar uma dúvida: saber se realmente tinha noção do que estava acontecendo ou se estava fazendo um jogo. Não, não faço ideia se realmente racionalizei o que fiz a seguir ou se é delírio. Afinal, faz tanto tempo que posso ter inventado metade do que estou narrando aqui. A mente tem horror a buracos e tende a tapá-los com a imaginação, essa hidra que mora no pântano do inconsciente. A minha, então, é um bicharoco com mais de vinte cabeças.

Perguntei se não achava que mamãe andava diferente.

Para meu espanto, as sobrancelhas voltaram a se mexer, mas assumindo um desenho diferente. Não mais a forma de asas de corvo, mas arcobotantes, deixando a cara dele com jeito de catedral. Uma Notre Dame assustada. De onde eu tinha tirado aquilo? Diferente como? Desde quando eu percebia isso? Um vendaval de perguntas que não queriam respostas.

Tentei explicar com meu vocabulário diminuto que havia percebido pequenas mudanças de comportamento, que mamãe não era mais como eu lembrava dela aos cinco anos (como se eu lembrasse de alguma coisa anterior ao ano passado...), que algo no rosto havia se transformado. E a cada frase, as sobrancelhas pareciam querer desgrudar da testa de papai. Depois de alguns segundos de silêncio, encarando o nada acima de minha cabeça, decidiu encerrar o assunto. Eu estava enxergando coisas onde nada existia. Que me preparasse para a aula de mandarim e guardasse na memória o que

deveria pensar ao rever minha suposta amada. Diarreia e latrinas, ouviu? Não há amor que resista. Não, não mesmo.

O dia foi ridículo. Papai trancado no escritório, evitando esbarrar comigo, fingindo que trabalhava. Anoteceu, mamãe chegou, jantamos e, depois de tantas horas de silêncio, me recolhi ao quarto. Esperei pelo turbilhão e não me decepcionei. Foi uma torrente de gritos e impropérios devidamente abafados pela cortiça eletrônica. Pedi ao apartamento que filtrasse os sons para que pudesse entender o sentido da briga no segundo quarto. Acusações sobre comportamento errático e coisas que filhos não deveriam saber em relação aos próprios pais -- ou ao menos acho, hoje, que não deveriam. Ouvi de tudo um pouco, palavras pesadas, mas nada a respeito de cabeças sobressalentes. Nada que me interessasse de verdade.

Esperei que a pantomima acalmasse. Durou exatas duas horas, mas finalmente silenciaram e papai nem foi dormir no escritório como vinha fazendo com certa constância.

Silêncio absoluto por quarenta minutos e lá fui eu dar outra incerta no quarto dos fundos. Porque se não foram eles que tiraram as cabeças, então foi outra pessoa que assombrava a casa. Fiz tudo direitinho, nenhum som. Abri a porta, acendi a luz manualmente.

E nada. Nenhuma cabeça, nenhuma expressão morta. Apenas eu, sozinho, em um quarto assombrado. Reunindo toda minha coragem, apaguei tudo, fechei a porta e recuei de costas, sem tirar os olhos do breu dentro do quarto. Se alguma sombra se mexesse meus gritos seriam ouvidos na Lua, mas nada aconteceu, talvez porque nada aconteça quando olhamos diretamente. Todo mistério só se realiza no canto do olho, nada acontece no nariz do boneco.

Adormeci. Sonhei, de novo, com ruas estreitas, mas as pupilas alaranjadas não estavam atrás das janelas. Dessa vez, os olhos não

estavam sós. Vieram acompanhados das cabeças de meus pais, ostentando diversas expressões, em uma nuvem turbilhonante sobre o chão de areia azul. Eles gritavam em silêncio, esgares estapafúrdios sem trilha sonora, ao vento. Meu ponto de vista mudou, saí das ruas, alcei o céu multicolor e contornei a nuvem radiante. Via minha torre a quilômetros, brilhando, e as cabeças, indiferentes à minha presença, continuavam seu balé etéreo, assumindo formas aleatórias, ora um camelo desengonçado, ora uma cabeça de pássaro roca, gigante, capaz de engolir paquidermes. Embevecido por aquela imagem, esqueci o medo, mas a memória voltou quando um dos olhos se abriu e me encarou diretamente. Tive noção de meu tamanho diminuto perante aquilo e foi minha vez de berrar.

Acordei. Noite fechada ainda.

Sons baixos, mas indiscutíveis, vinham de além porta. Talvez do quarto dos fundos. Sons molhados. Meus oito anos não me permitiram sair da cama pelo que me pareceu uma eternidade. Acho que a reserva de coragem tinha escorrido pela perna da calça do pijama, mas como os sons não paravam, decidi que precisava decifrar o enigma naquele momento antes que outra noite viesse e os pesadelos me engolissem vivo com aquele bico enorme.

Cada passo foi uma tortura. Hoje recorro de não ter tomado qualquer precaução, até mandei que o corredor acendesse, sem receio de acordar meus pais, mas eles não levantaram de seus sarcófagos e, honestamente, não sabia mais se queria a presença deles naquele momento. O segredo, o medo, a ansiedade, tudo era só meu e indivisível. O barulho molhado continuava -- pensando bem, parecia um mastigar, o movimento de muitas pequenas mandíbulas, centenas de boquinhas de bebês mascando alguma coisa muito saborosa. Lembrei de minha mãe me contando que minha avó dava bifés aos

filhos, ainda bebês, para roçarem as gengivas desdentadas na carne mal passada e assim desenvolverem o gosto pela proteína. A imagem mental ainda revolta meu estômago, mas imaginei nenéns mordiscantes amontoados no quartinho com uma montanha de carne quase crua à disposição de suas mucosas infatigáveis.

Parei diante da porta. Atrás de mim, a copa banhada em luz. O som da mastigação incessante marcando o contratempo do coração.

Foi quando senti o cheiro. Hoje consigo identificar como algo próximo do almíscar, pois sessenta anos são tempo suficiente para que nos acostumemos com odores de todo tipo de glândula, mas aos oito anos eu só conseguia pensar que não suportaria ficar perto de algo ou alguém que cheirasse daquele jeito. Era como o cheiro de galinheiro, de pombal, como se inúmeras aves defecassem ao mesmo tempo. Lembrei do bico gigante, da cabeça de pássaro formada pelos rostos de meus pais. Das expressões mudas em desespero e dor. Sabia que o que estivesse ali dentro considerava o armário como seu ninho e não deveria ser incomodado.

Então o barulho cessou.

E o silêncio absoluto foi mais apavorante que o ruído ritmado de pequenas bocas em movimento contínuo. A coisa lá dentro sabia que eu existia e esperava meu próximo movimento.

Recuei pela segunda vez, mas, ao contrário da noite anterior, corri desembestado para meu quarto. Passei pelo corredor e esbarrei na porta do quarto de meus pais. Ela se escancarou revelando o aposento vazio.

Engoli o grito, mergulhei na cama e cobri a cabeça. Chorei até ficar sem forças. Era óbvio que estava sozinho no mundo.

Acordei ao som das risadas.

Há muito tempo não ouvia risos ao amanhecer.

Levantei, tomei a ducha matinal. Percebi que não lembrava dos sonhos daquela noite.

Saí vestido do banheiro e me dirigi à copa, onde, acima das xícaras de café escaldante, as cabeças de meus pais me observavam, sorridentes. Foi a última vez que os vi assim. Poderia ficar assustado, mas não. Já sabia o que fazer.

Hoje, tantos anos depois, em minha cela, meu ninho, aguardo a volta da escuridão absoluta. Sei o que está diante de meu nariz e agora o pássaro sou eu, pronto para devorar a bicadas o que vier pela frente. Disseram que os matei com alguma coisa, talvez raticida no café, mas imagino que envenenar robôs deva ser muito difícil, mesmo aqueles parcialmente compostos por partes biológicas. Todos os dias reafirmam atrocidades cometidas por mim, com aquelas vozes veementes, autoritárias e cheias de certezas. Todos os dias dos últimos cinquenta anos. Mas me aferro a uma única verdade, meu mantra, minha religião particular.

Todos mentem. O tempo todo. Sem exceção.



CIBERPAJE

Os autores



CIBERPAJÉ

Edgar Franco é o Ciberpajé, artista transmídia com premiações nas áreas de quadrinhos e arte e tecnologia. Criador do universo ficcional da Aurora Pós-humana, com o qual tem realizado obras em múltiplas mídias e suportes como quadrinhos, ilustração, poesia, aforismo, contos, vídeo, cinema, instalação, web arte, game arte e performance. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos, e mentor da banda performática Posthuman Tantra e do Projeto Musical Ciberpajé. Pesquisador criador do termo HQtrônicas, autor de 4 livros acadêmicos e inúmeros artigos, pós-doutor em Arte e tecnociência pela UnB, pós-doutor em Artes pela UNESP, doutor em Artes pela USP, mestre em Multimeios pela Unicamp, arquiteto e urbanista pela UnB e professor permanente do Programa de Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia.



EDGAR SMANIOTTO

Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto é filósofo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Professor do Ensino Fundamental I (Polidisciplinar) e II (História), Ensino Médio (Filosofia), graduação e pós-graduação. Pesquisador multidisciplinar e polímata se dedica a estudos em filosofia da educação, movimentos eugenistas, história da astrobiologia, transumanismo, antropologia e filosofia da ficção científica, geopolítica e histórias em quadrinhos. Atualmente assina as colunas Biblioteca FC e Filosofia da Astronáutica e da Ficção Científica na coleção de livros “Perry Rhodan”. Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS, Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS e da Sociedade Brasileira de Astrobiologia – Astrobio.



FÁBIO FERNANDES

É professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo nos cursos de Tecnologia em Jogos Digitais e Jornalismo. Foi aluno da Clarion West Writers Workshop, uma das mais conceituadas oficinas literárias do mundo, tendo como instrutores Neil Gaiman e Samuel Delany, entre outros. Traduziu dezenas de livros, entre os quais *Laranja Mecânica*, *Neuromancer*, *Fundação* e *2001*, entre muitos outros, e tem vários livros publicados, entre eles *Os dias da peste*, *De A a Z: dicas para escritores* e *Back in the USSR*. Tem textos acadêmicos e de ficção publicados em vários países.



FABIO SHIVA

É músico, escritor e produtor cultural. A carreira musical inicia-se com a banda *Imago Mortis*, com dois CDs lançados internacionalmente. Coautor e roteirista de ANUNNAKI - Mensageiros do Vento, primeira ópera rock em desenho animado produzida no Brasil. É fundador da *Oficina de Muita Música!*, projeto inovador que já beneficiou centenas de participantes com aulas gratuitas de violão, xadrez e meditação, na Casa da Música (SECULT/BA), onde também coordena o *Bahia Canta Paz*, grupo que tem a proposta de celebrar e fomentar a fraternidade por meio do poder transformador e positivo da música. Idealizador e produtor dos projetos de literatura: *Pé de Poesia*, *Doce Poesia Doce*, *Poesia de Botão* e *Gincana da Poesia*, todos pela Fundação Gregório de Mattos (PMS). Fundador do projeto P.U.L.A. (Passe Um Livro Adiante), que já fez circular milhares de livros gratuitamente pelo Brasil. Palestrante sobre temas como Consciência, Música e Espiritualidade em escolas públicas e eventos diversos. Livros publicados: *O Sincronicídio* (Caligo: 2013), *Isso tudo é muito raro / Labirinto circular* (Cogito: 2016), *Favela gótica* (Verlidelas: 2019), *Diário de um Imago: contos e crônicas de uma banda underground* (Amazon: 2019), *Tanto tempo dirigindo sem ninguém no retrovisor: contos da era Bolsonaro* (Caligo: 2020).



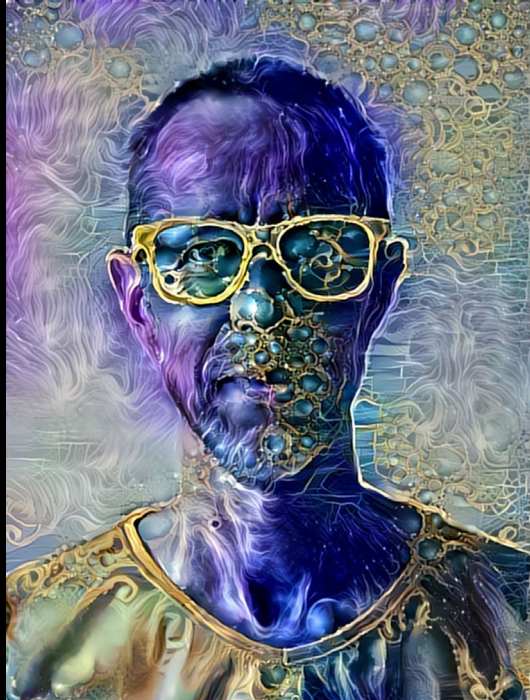
GAZY ANDRAUS

Artista multimídia e pós-doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutor pela ECA-USP, Mestre em Artes Visuais pela UNESP, Pesquisador e membro do Observatório de HQ da USP, e dos grupos de pesquisa Criação e Ciberarte (Cria_Ciber FAV/UFG) e Poéticas Artísticas e Processos de Criação (FAV/UFG). Tem dezenas de artigos e textos no meio acadêmico e em livros acerca das Histórias em Quadrinhos (HQs) e Fanzines, bem como também é autor de HQs e Fanzines na temática fantástico-filosófica.



GIAN DANTON

É escritor, roteirista de quadrinhos, Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Começou a escrever em 1989 na revista em quadrinhos *Calafrio* (editora D-arte) e passou por praticamente todas as editoras nacionais de HQ. Entre os seus trabalhos mais famosos está a *graphic novel* *Manticore*, pela qual ganhou o prêmio Angelo Agostini de melhor roteirista de 1999. É autor de diversos livros acadêmicos e dos romances *Galeão* e *O uivo da górgona*.



NELSON DE OLIVEIRA

Ainda não nasceu. Para não assustar os amigos, prefere mentir que nasceu no dia 16 de agosto de 1966, em Mahagonny, maior cidade da Ilha do Dia Anterior. É ensaísta e professor livre-docente de literatura xamânica na Universidade de Macondo (UNIMAC). Leu e releu todos os livros, assistiu mais de uma vez a todos os filmes. É de leão e, no horóscopo chinês, cavalo. Prefere os destilados aos fermentados. Fala fluentemente doze idiomas secretos, incluindo o das abelhas: a ironia. Anos atrás buscou asilo político no paraíso, mas cansado de tanto silêncio decidiu voltar ao inferno. Pesquisa a imortalidade por meio do upload da consciência. Só acredita em biografias imaginárias. E na beleza moral do céu estrelado dentro de nós. Venceu duas vezes o importante e impossível Prêmio Príncipe de Cstwertksst, na categoria conto (1996) e na categoria romance (2006). Principais livros: *Gigante pela própria natureza* (romance, 2019), *Poeira: demônios e maldições* (romance, 2010), *Ódio sustentado* (contos, 2007) e *Subsolo infinito* (romance, 2000).



OCTAVIO ARAGÃO

É designer gráfico formado pela Escola de Belas Artes – UFRJ, professor adjunto da Escola de Comunicação – UFRJ, responsável pelas cadeiras de Jornalismo Gráfico, professor do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas (PPGMC – UFRJ). Autor de três romances e duas *graphic novels*, sendo a mais recente *Psicopompo* (2020), em parceria com o ilustrador Carlos Hollanda. Ganhador de dois prêmios Argos [Melhor Conto (2014) e Melhor Romance (2019)]. Co-organizador, com o professor Amaury Fernandes, da SIQ – Semana Internacional de Quadrinhos da UFRJ – desde 2016, sendo responsável pela vinda de artistas do quilate de David Lloyd, Salvador Sanz, Trina Robbins e Chantal Montellier pela primeira vez ao Rio de Janeiro. Tradutor de histórias em quadrinhos, com obras de Alan Moore, Kurt Busiek e Garth Ennis no currículo. Foi coordenador de arte de *O Globo*, onde se especializou em infografia, subeditor de arte de *O Dia* e editor de arte das revistas de informática da Ediouro. Foi sócio da Cia do Design, responsável por projetos para empresas como Faet Eletrodomésticos, Hotel Intercontinental, Fiat Lux e Tavares Roupas. É pai do Pedro e do Gui.

2021

